

**FIESP CIESP**

**DEPECON**

**Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos**



**Indicadores Econômicos da Indústria  
de Transformação e dos Setores do  
Sindicato**

**SIMEFRE**

Junho de 2016

(Atualizado em 08 de julho de 2016)

Este relatório visa a fornecer informações econômicas sobre a Indústria de Transformação aos Sindicatos filiados à FIESP. Primeiramente, avalia-se o cenário econômico atual, seguido de informações de comércio exterior, produção, produtividade e emprego para a Indústria de Transformação com abertura setorial. Os indicadores aqui são os mais atuais disponíveis no momento de confecção do relatório. Sempre que possível, são fornecidas também informações específicas sobre os produtos e/ou setores representados pelo Sindicato.

## Sumário

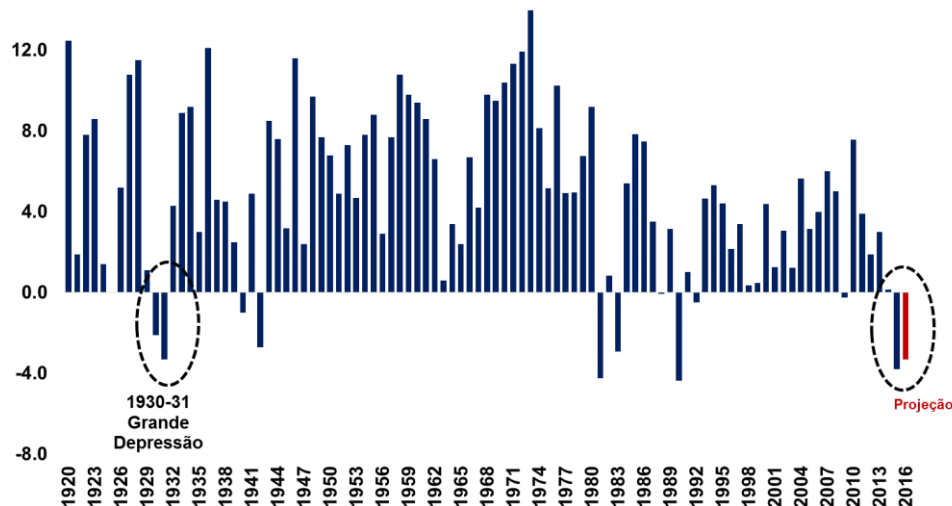
1. Cenário Econômico.....	3
2. Comércio Exterior.....	9
2.1. Balança Comercial Brasileira e da Indústria de Transformação.....	9
2.1. Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação.....	16
3. Exportações, Importações e Balança Comercial dos Produtos do SIMEFRE.....	23
4. Produção Industrial Brasileira.....	28
5. Produtividade Física do Trabalho na Indústria de Transformação Brasileira.....	31
6. Emprego na Indústria de Transformação Brasileira.....	34
7. Empregos e Salários nos Setores CNAE do Sindicato.....	38
7.1. Setores CNAE no Sindicato.....	38
7.2. Evolução da Ocupação.....	39
7.3. Evolução Real dos Salários.....	40

## 1. Cenário Econômico

O ano de 2015 foi marcado por profundos ajustes na economia brasileira. Expressiva desvalorização da taxa de câmbio e significativo reajuste da tarifa de energia elétrica foram um dos destaques. O contexto político conturbado emperrou o processo de ajuste das contas públicas, que aliado aos desdobramentos da Operação Lava Jato e seus efeitos negativos sobre a cadeia de óleo de gás, concorreram para deprimir a atividade econômica. Ademais, a contribuição do setor externo ao crescimento do Brasil se reduziu. A economia global apresenta um menor crescimento, com a economia chinesa sendo destaque no movimento de desaceleração do crescimento das economias emergentes, puxando para baixo o preço internacional das *commodities*. O PIB brasileiro recuou 3,8% em 2015, a maior queda desde 1990, e as perspectivas para 2016 não são animadoras.

Acreditamos que o quadro continuará bastante adverso em 2016 para a atividade econômica doméstica. A deterioração dos fundamentos econômicos é expressiva, com aperto nas condições de crédito, inflação elevada, queda do nível de emprego e da renda. Ademais, a incerteza sobre a trajetória das contas públicas contribui para manter a confiança do empresariado em níveis historicamente deprimidos, minando dessa forma uma eventual retomada da atividade econômica. O mecanismo é simples, sem recuperação da confiança do empresariado não há investimento e crescimento econômico. Esperamos que o PIB brasileiro recue aproximadamente 3,5% em 2016, marcando dois anos consecutivo de contração do PIB, algo que não ocorria no Brasil desde o biênio 1930-31.

**Crescimento do PIB Brasileiro (Em %)**  
1920 - 2016



Fonte: IBGE

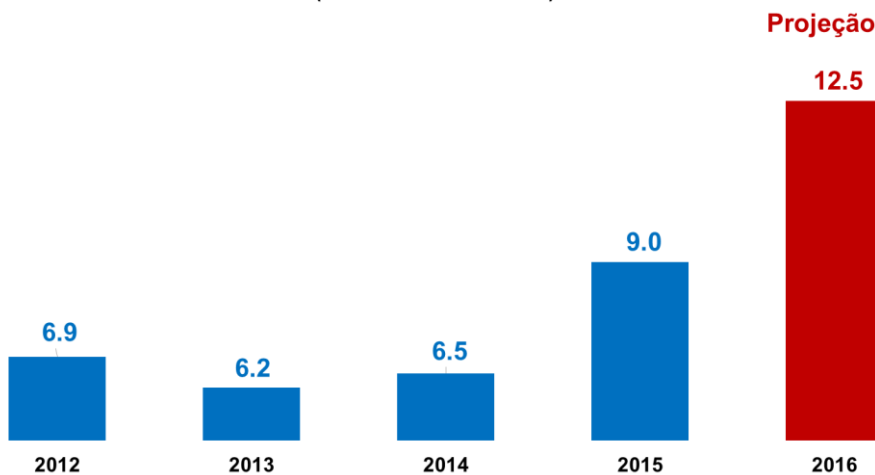
As expectativas do mercado sugerem que não haverá melhora substancial no crescimento do PIB brasileiro em 2017. De fato, a mediana das expectativas dos analistas, coletada pelo Banco Central e apresentada no Relatório Focus, aponta para um crescimento do PIB de apenas 1,00% em 2017<sup>1</sup>.

Respondendo a atividade econômica em recessão, o mercado de trabalho vem apresentando forte desaquecimento, exibindo desaceleração dos salários, fechamento de postos de trabalho e elevação da taxa de desemprego. Segundo o Ministério do Trabalho, em 2015 houve o fechamento de 1,6 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. De acordo com o IBGE, a massa salarial real caiu 5,3% em 2015, marcando a primeira queda da série histórica iniciada em 2004. Com relação a taxa de desemprego, a taxa de desocupação encerrou 2015 em 9,0%, um forte aumento com relação os 6,5% observados em 2014. Para 2016 acreditamos que a taxa de desemprego atinja 12,5%. Em termos de contingente, estimamos que o número de desocupados passará de 6,4 milhões de milhões em 2014 para 12,7 milhões em 2016, um salto de 6,3 milhões em dois anos.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> <http://www.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/R20160701.pdf>.

<sup>2</sup> A taxa de desemprego refere-se a PNAD-Contínua do IBGE.

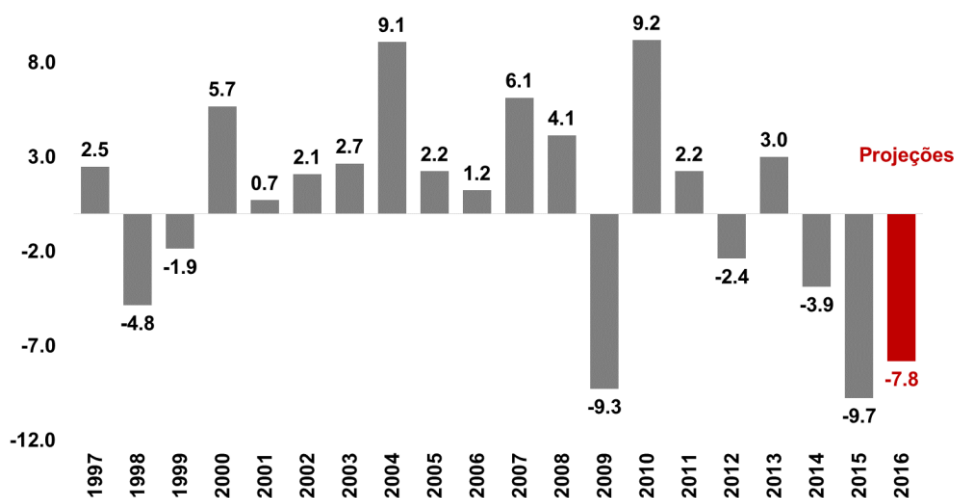
**Taxa do Desemprego**  
(Fim de Período- em %)



Fonte: IBGE

No caso da Indústria de Transformação, os números ganham contorno mais dramáticos. Se para muitos analistas a recessão na economia brasileira teve início no segundo trimestre de 2014<sup>3</sup>, na Indústria de Transformação podemos afirmar que o setor está em recessão há pelo menos três anos. Após recuar 3,9% em 2014 o PIB do setor caiu 9,7% em 2015 e a nossa expectativa é que aponte contração de quase 8,0% este ano.

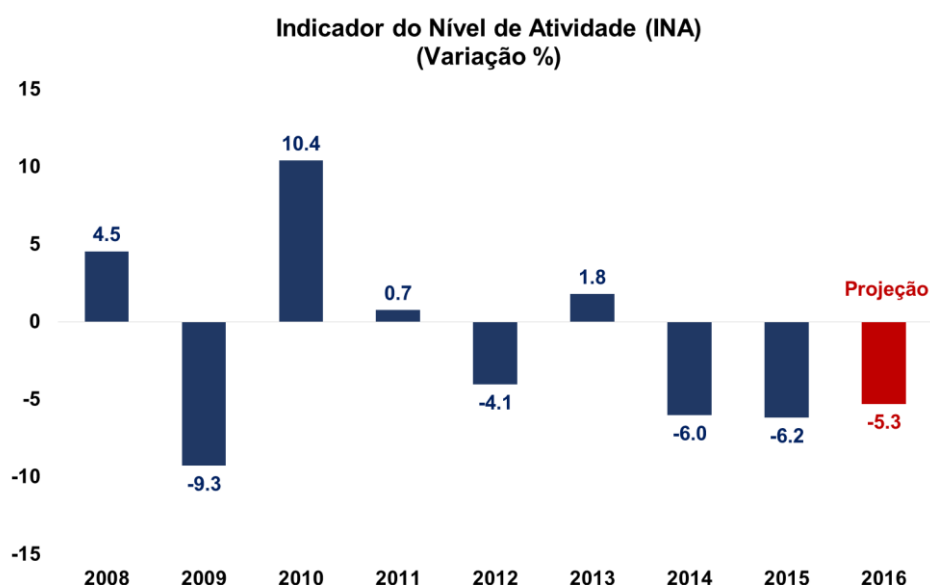
**Indústria de Transformação - PIB**  
Variação Anual (Em %)



Fonte: IBGE

<sup>3</sup> <http://portalibre.fgv.br/main.jsp?lumChannelId=4028808126B9BC4C0126BEA1755C6C93>.

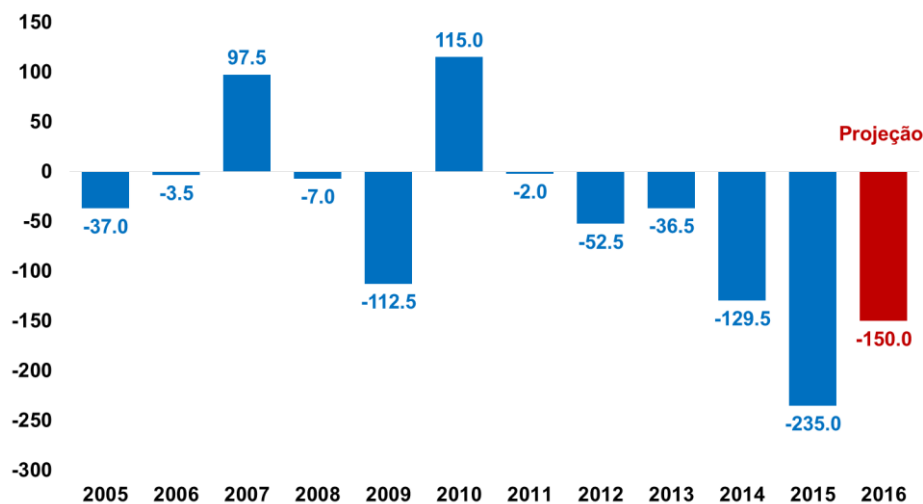
Na Indústria paulista, o cenário também é de recessão, e por um longo período. O seu Nível de Atividade já vem apresentando resultados fracos desde 2011, registrando crescimento de apenas 1,8% em 2013, resultado que não chegou perto de compensar a queda de 4,1% sofrida no ano anterior. Em 2014 e 2015, houve recuo da atividade da ordem de 6,0% e 6,2% respectivamente. Para 2016, nossa projeção também é de recuo do nível de atividade industrial da ordem de 5,3%.



Fonte: FIESP

Como consequência do baixo desempenho da atividade, o nível de emprego da Indústria de Transformação paulista também vem apresentando profunda deterioração. Segundo a Fiesp, em 2015 a Indústria paulista demitiu 235 mil trabalhadores, superando o patamar do ano de 2014, quando foram fechados 129,5 mil postos de trabalho. Para 2016 a nossa projeção é que ocorram 150 mil demissões no setor no estado de São Paulo. Se essa perspectiva para 2016 se concretizar, a Indústria de São Paulo terá demitido 620 mil trabalhadores entre 2011 e 2016.

**Nível de Emprego na Indústria Paulista (FIESP)**  
Empregos no Ano (Em Milhares)



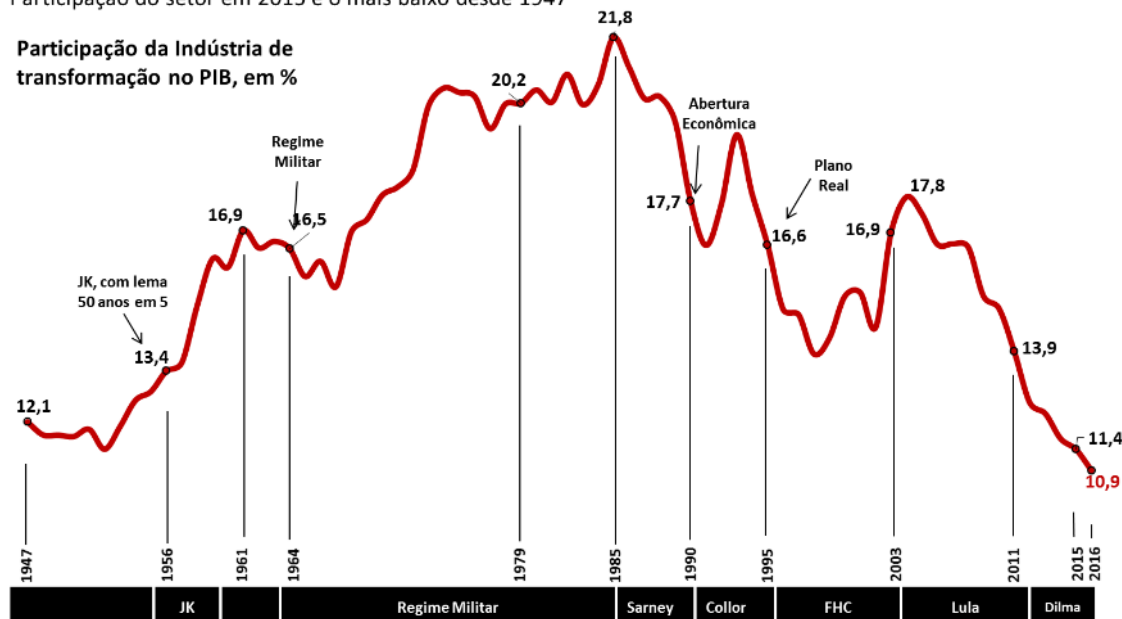
Fonte: FIESP

A participação da Indústria de Transformação no PIB vem mostrando persistentes quedas nos anos recentes, recuando de 16,9% em 2003 para 11,4% em 2015, o menor nível da série histórica iniciada em 1947. Para 2016 a nossa expectativa é que essa participação atinja 10,9%. Esse processo derivou de um longo período de câmbio valorizado e aumento dos custos que dinamitaram a competitividade do setor, resultando no recrudescimento do movimento de penetração de produtos importados. A elevação dos custos assolou a Indústria de Transformação, em que mereceu destaque, a considerável expansão dos salários reais acima do crescimento da produtividade da mão de obra entre 2010 e 2014, além do histórico fardo do Custo Brasil: carga tributária pesada; burocracia excessiva; juros e *spreads* elevados e infraestrutura defasada.

**CRISE NA INDÚSTRIA**

Participação do setor em 2015 é o mais baixo desde 1947

Participação da Indústria de  
transformação no PIB, em %



Fonte: IBGE. Metodologia: Bonelli & Pessoa, 2010. Elaboração: Depecon/FIESP

Em suma, diante da acentuada deterioração dos fundamentos econômicos, com destaque para o menor crescimento da renda e elevação da taxa de desemprego, além da elevada incerteza que cerca o cenário econômico e político, a economia brasileira deverá sofrer novo recuo do PIB em 2016, configurando dois anos de recessão no país. A Indústria de Transformação continuará a enfrentar um cenário bastante desafiador, caminhando para o terceiro ano de queda do seu PIB. Decerto, para a Indústria de Transformação, bem como para a economia brasileira com um todo, o país está experimentando a mais profunda e longa das recessões.

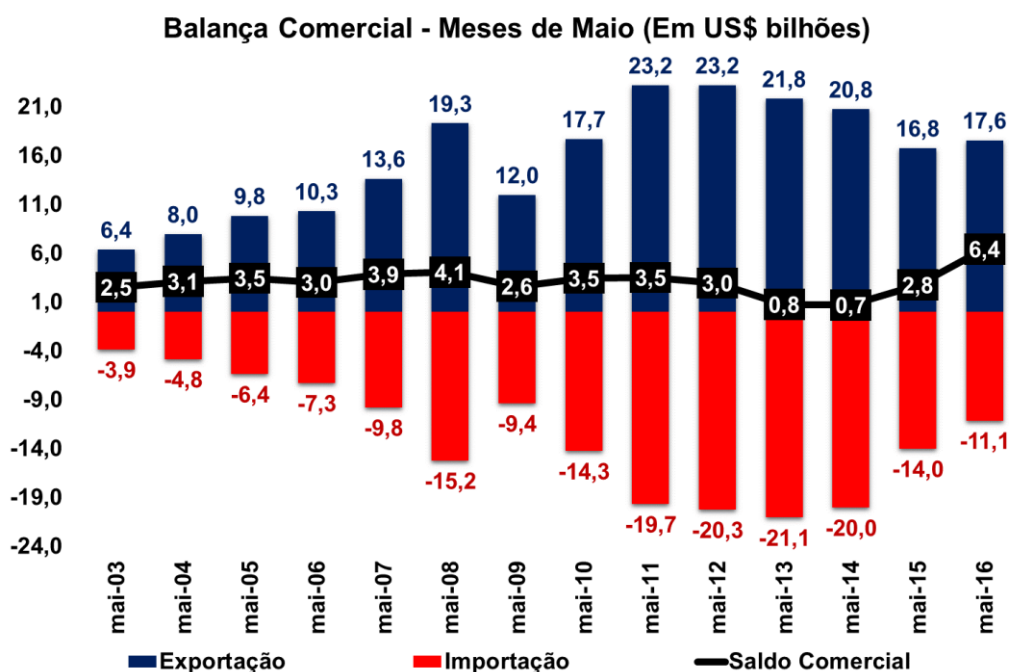


## 2. Comércio Exterior

### 2.1. Balança Comercial Brasileira e da Indústria de Transformação

#### MAIO DE 2016

Em maio de 2016, a balança comercial brasileira atingiu US\$ 6,4 bilhões, maior superávit para meses de maio desde o início da série. As exportações somaram US\$ 17,6 bilhões, uma média diária<sup>4</sup> de US\$ 836,7 milhões. Enquanto as importações brasileiras totalizaram US\$ 11,1 bilhões, ou seja, uma média de US\$ 530,2 milhões por dia útil.

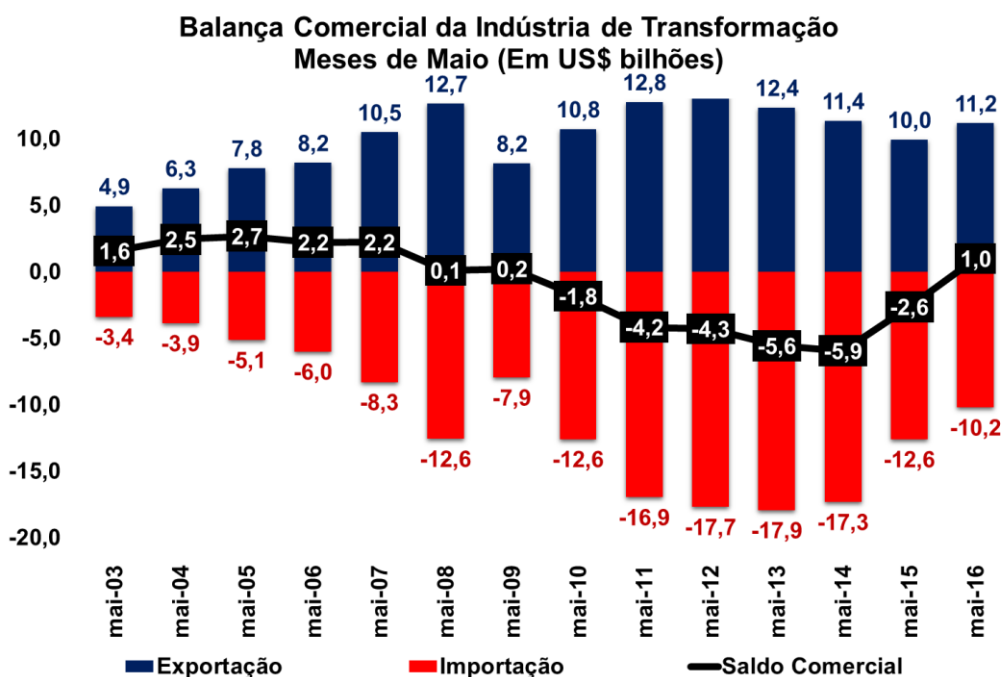


Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Na comparação com a média diária de maio de 2015, houve uma queda de 0,2% das exportações totais (quando registrou US\$ 838,5 milhões) e uma retração de 24,3% das importações totais (quando registrou US\$ 700,5 milhões).

<sup>4</sup> O controle de média diária é para garantir o mesmo número de dias úteis nos meses analisados.

A balança comercial da Indústria de Transformação apresentou um superávit de US\$ 1,0 bilhão no mês de maio. As exportações registraram US\$ 11,2 bilhões, com uma média diária de US\$ 533,0 milhões. Já as importações totalizaram US\$ 10,2 bilhões, com uma média diária de US\$ 485,2 milhões.



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Drex - FIESP

Em relação a média diária interanual, as exportações da IT expandiram 7,0% (quando registraram US\$ 485,2 milhões no mesmo mês do ano anterior) e as importações caíram 22,9% (registrara US\$ 629,2 milhões em maio de 2015).

Analisando os dados desagregados da Indústria de Transformação, 10 setores apresentaram aumento das exportações na comparação interanual, com destaque positivo para outros equipamentos de transporte (+261,8%); impressões e reproduções de gravações (+56,2%); e máquinas e equipamentos (+22,2%). Dentre as 13 quedas na mesma base de comparação, os desempenhos negativos mais acentuados ocorreram nos seguintes setores: bebidas (-37,8%); derivados de petróleo (-22,3%); e fumo (22,3%).

## Exportações por setores da Indústria de Transformação Maio de 2015 e Maio de 2016 (Em US\$ milhões)



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derox - FIESP

Na comparação interanual, apenas 2 setores da Indústria de Transformação apresentaram crescimento das importações: fumo (+13,1%) e produtos alimentícios (+11,2%). Os 21 setores restantes indicaram quedas, com destaque para metalurgia (-33,2%), couros e calçados (-32,9%) e vestuário (-32,7%).

## Importações por setores da Indústria de Transformação Maio de 2015 e Maio de 2016 (Em US\$ milhões)



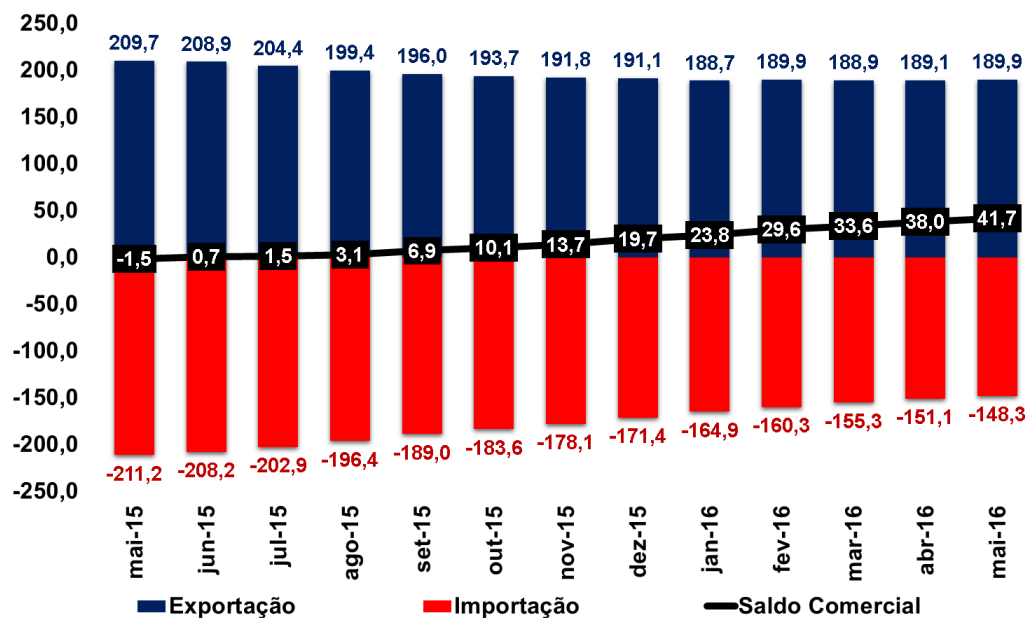
Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derox - FIESP

### ACUMULADO 12 MESES

Com o intuito de amenizar os efeitos de volatilidade será feita uma análise no acumulado em 12 meses. Nessa base de comparação, as exportações totais somaram US\$ 189,9 bilhões, 9,4% abaixo do registrado para o período finalizado em maio de 2015 (US\$ 209,7 bilhões). Enquanto as importações totalizaram US\$ 148,3 bilhões, queda de 29,8% na comparação interanual (US\$ 211,2 bilhões). O saldo

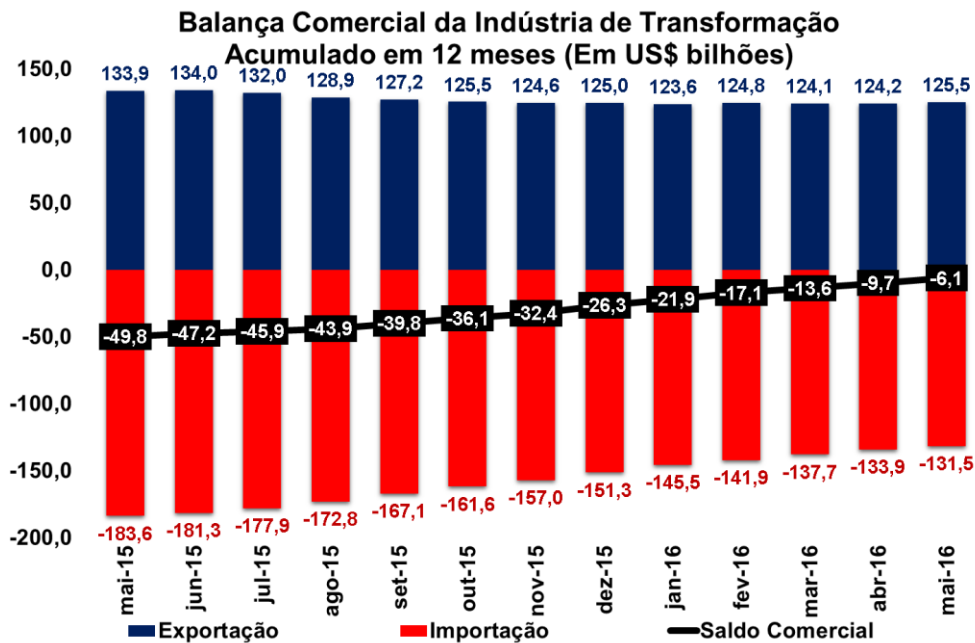
comercial no acumulado 12 meses encerrado em maio de 2016 apresentou um superávit de US\$ 41,7 bilhões, ante um déficit acumulado de US\$ 1,5 bilhão em maio de 2015.

**Saldo Comercial - Acumulado 12 meses (Em US\$ bilhões)**



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Analisando a Indústria de Transformação, o déficit da balança comercial diminuiu e passou de US\$ 9,7 bilhões no acumulado em 12 meses encerrados em abril para US\$ 6,1 bilhões em maio. Em comparação com maio de 2015, o déficit do saldo diminuiu drasticamente, pois o acumulado em 12 meses registrava US\$ 49,8 bilhões.

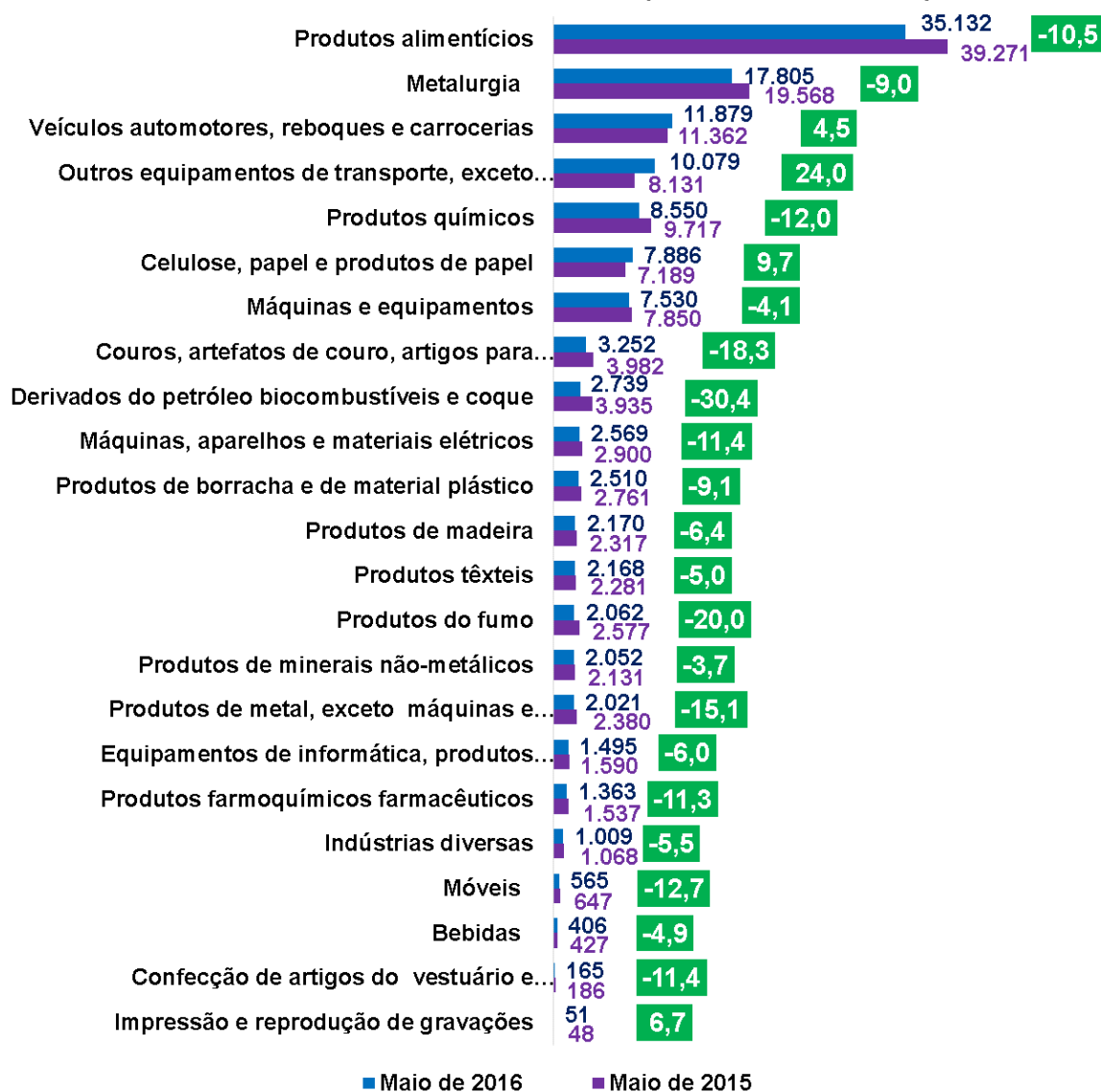


Fonte: Funcex e MDIC Elaboração: Depecon - FIESP

Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

As exportações sofreram queda em 19 setores da IT, com destaque para derivados de petróleo e de biocombustíveis (-30,4%); fumo (-20,0%); e couro e calçado (-18,3%). Por outro lado, 4 setores mostraram crescimento: outros equipamentos de transporte (+24,0%); celulose e papel (+9,7%); impressão e reprodução de gravações (+6,7%); e veículos automotores (+4,5%). O gráfico abaixo apresenta as exportações setoriais acumuladas em 12 meses encerradas em maio de 2016 e de 2015 e também a variação entre os períodos.

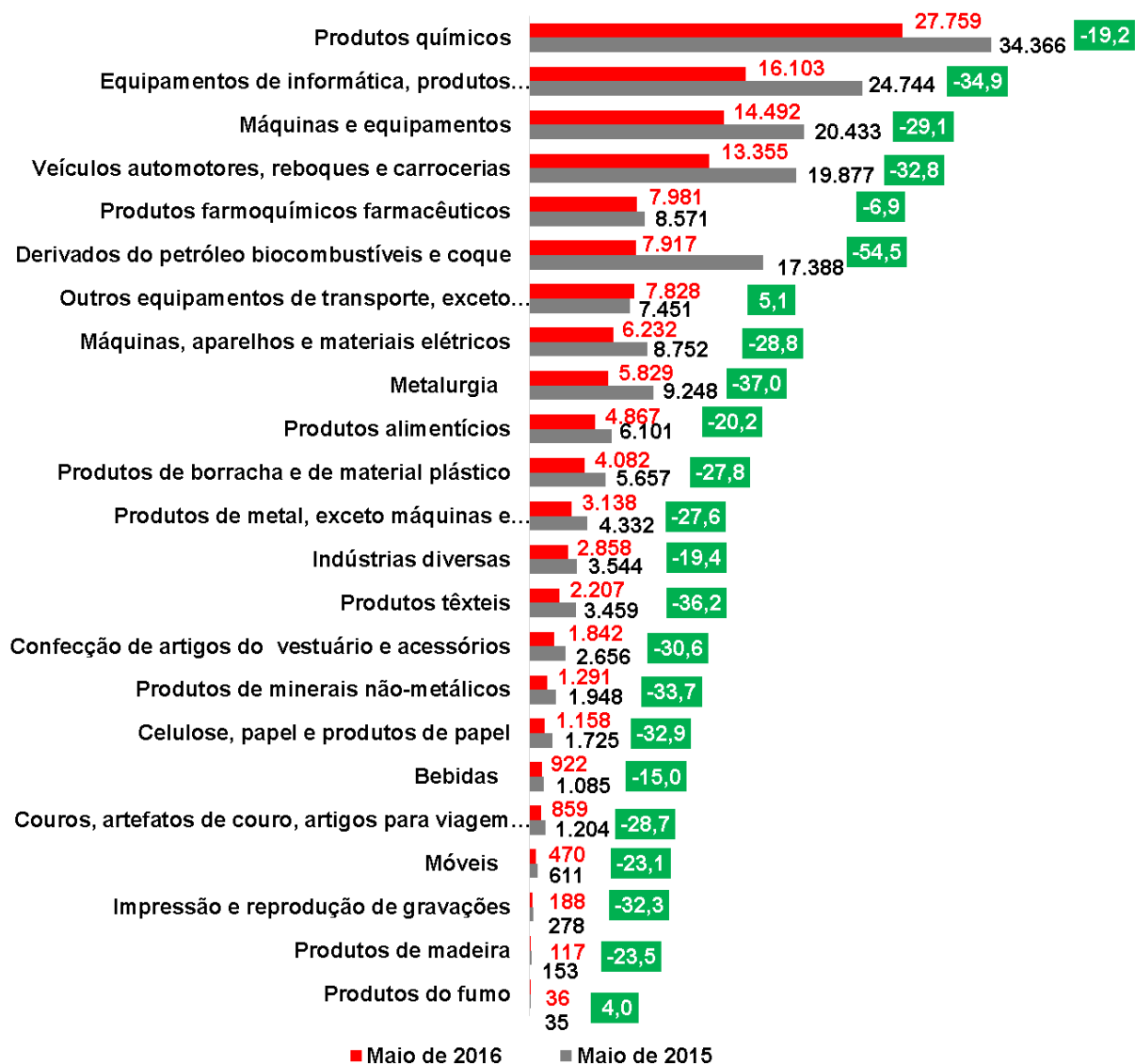
## Exportações por setores da Indústria de Transformação Acumulado 12 meses (Em US\$ milhões)



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derox - FIESP

As importações sofreram queda em 21 setores da IT, com destaque para derivados de petróleo e de biocombustíveis (-54,5); metalurgia (-37,0%); e produtos têxteis (-36,2). Entretanto, 2 setores mostraram crescimento das importações: outros equipamentos de transporte (+5,1%); e fumo (+4,0%). A seguir, o gráfico abaixo apresenta as importações setoriais acumuladas em 12 meses encerradas em maio de 2016 e de 2015 e também a variação entre os períodos.

## Importações por setores da Indústria de Transformação Acumulado 12 meses (Em US\$ milhões)



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon e Derox – FIESP

### 2.1. Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação

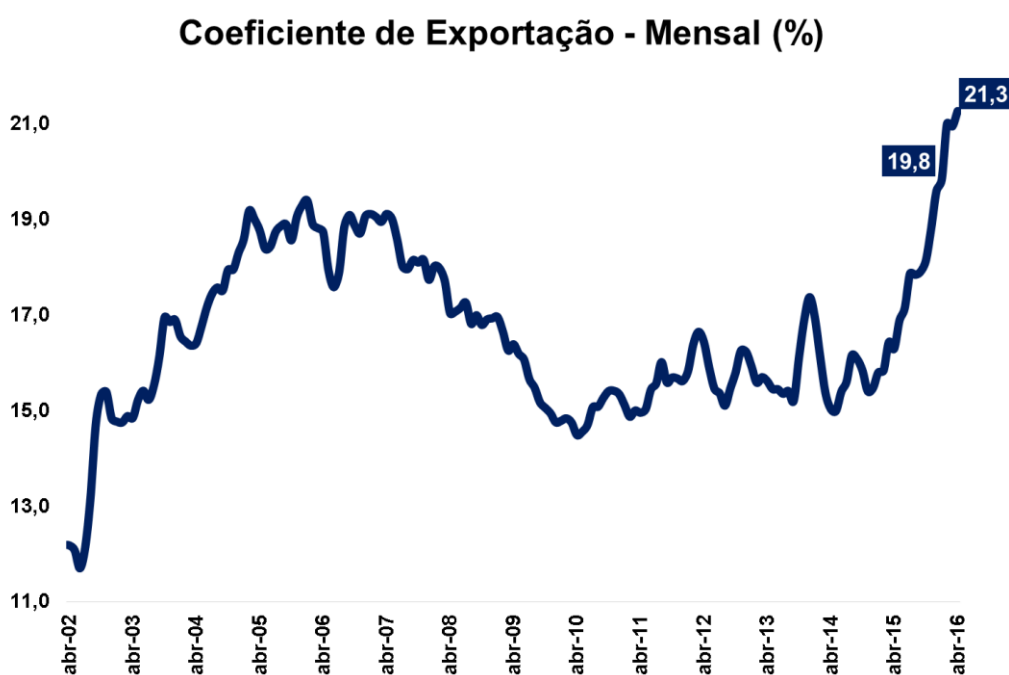
Os coeficientes de exportação e de importação tem como objetivo analisar de forma integrada a produção industrial e o comércio exterior. O Coeficiente de Exportação (CE) mede a proporção da produção que é exportada, enquanto o Coeficiente de Importação (CI) mede a proporção dos produtos consumidos internamente que é importada. É importante ressaltar que produtos consumidos internamente é conhecido como consumo aparente e resulta da diferença entre produção e exportação e adiciona as importações.



Apesar da frequência mensal, os Coeficientes de Exportação e de Importação são médias móveis trimestrais (utilizando série livres de influências sazonais) para amenizar o efeito da forte volatilidade. Por isso, os dados do trimestre finalizado em abril de 2016 são analisados em relação aos três meses precedentes (novembro, dezembro e janeiro).

### TRIMESTRE FINALIZADO EM ABRIL DE 2016

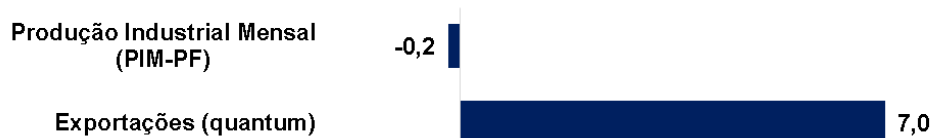
O Coeficiente de Exportação da Indústria de Transformação atingiu 21,3% no trimestre finalizado em abril de 2016, ante 19,8% no acumulado dos 3 meses precedentes. Nesta base de comparação, o CE apresentou um aumento de 1,5 p.p. e manteve o crescimento iniciado em meados de 2014.



Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Ambas as variáveis que compõem o Coeficiente de Exportação influenciaram positivamente o indicador. Na variação trimestral, a produção industrial apresentou uma ligeira queda 0,2%, porém o maior efeito veio da expansão de 7,0% das exportações (em quantum).

**Variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação  
nov-dez-jan/16 x fev-mar-abr/16 (Em %)**



Fonte: FUNCEX e IBGE. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Na análise setorial da Indústria de Transformação, 17 setores apresentaram crescimento do Coeficiente de Exportação no acumulado de fevereiro, março e abril frente aos três meses anteriores. Os destaques positivos ocorreram nos setores de produtos de fumo (+7,2 p.p.); metalurgia (+6,4 p.p.); e veículos automotores (+4,7 p.p.). Entretanto, 4 coeficientes setoriais tiveram retrações: têxteis (-1,4 p.p.); produtos de madeira (-1,1 p.p.); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-0,4 p.p.); e bebidas (-0,1 p.p.).

**Coeficiente de Exportação Mensal (Em %)**

Coeficiente de Exportação	nov-dez-jan/16	fev-mar-abr/16	nov-dez-jan/16 x fev-mar-abr/16 (Em p.p.)
<b>Indústria de Transformação</b>	19,8	21,3	<b>1,5</b>
Produtos do fumo	59,0	66,2	<b>7,2</b>
Metalurgia	44,0	50,4	<b>6,4</b>
Veículos automotores, reboques e carrocerias	21,7	26,4	<b>4,7</b>
Produtos alimentícios	23,9	25,5	<b>1,6</b>
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	8,3	9,8	<b>1,5</b>
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	7,7	9,1	<b>1,4</b>
Celulose, papel e produtos de papel	32,9	34,2	<b>1,3</b>
Máquinas e equipamentos	24,0	25,1	<b>1,1</b>
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	7,0	7,8	<b>0,8</b>
Produtos químicos	12,7	13,4	<b>0,7</b>
Produtos de minerais não-metálicos	9,0	9,4	<b>0,4</b>
Indústrias diversas	12,7	13,0	<b>0,3</b>
Móveis	6,9	7,3	<b>0,4</b>
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	10,1	10,4	<b>0,3</b>
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	33,2	33,4	<b>0,2</b>
Produtos de borracha e de material plástico	10,0	10,2	<b>0,2</b>
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,2	1,3	<b>0,1</b>
Bebidas	1,9	1,8	<b>-0,1</b>
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	13,7	13,3	<b>-0,4</b>
Produtos de madeira	32,0	30,9	<b>-1,1</b>
Produtos têxteis	26,4	25,0	<b>-1,4</b>

Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

As principais variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação por setor podem ser observadas na tabela a seguir.

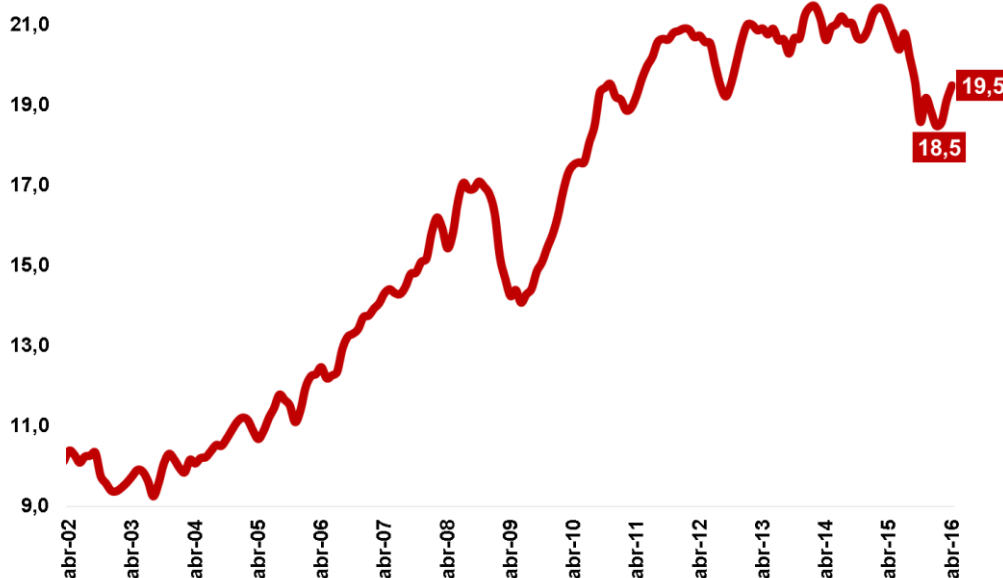
#### Variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação: nov-dez-jan/16 x fev-mar-abr/16

	Produção Industrial Mensal (PIM-PF)	Exportações (quantum)	Coeficiente de Exportação (Em p.p.)
<b>Indústria de Transformação</b>	-0,2	7,0	<b>1,5</b>
Produtos do fumo	7,3	20,5	<b>7,2</b>
Metalurgia	-5,4	8,4	<b>6,4</b>
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-7,8	12,2	<b>4,7</b>
Produtos alimentícios	4,6	11,6	<b>1,6</b>
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-2,4	15,3	<b>1,5</b>
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	1,5	20,4	<b>1,4</b>
Celulose, papel e produtos de papel	-0,4	3,7	<b>1,3</b>
Máquinas e equipamentos	-2,4	2,0	<b>1,1</b>
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-9,9	-0,3	<b>0,8</b>
Produtos químicos	1,3	6,8	<b>0,7</b>
Produtos de minerais não-metálicos	-0,3	4,5	<b>0,4</b>
Indústrias diversas	0,3	3,0	<b>0,3</b>
Móveis	-0,8	4,1	<b>0,4</b>
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	2,5	5,9	<b>0,3</b>
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-1,2	-0,5	<b>0,2</b>
Produtos de borracha e de material plástico	-4,4	-2,3	<b>0,2</b>
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-4,0	0,6	<b>0,1</b>
Bebidas	0,9	-4,1	<b>-0,1</b>
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2,7	-0,6	<b>-0,4</b>
Produtos de madeira	7,0	3,5	<b>-1,1</b>
Produtos têxteis	5,1	-0,6	<b>-1,4</b>

Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

O Coeficiente de Importação da Indústria de Transformação subiu para 19,5% no trimestre finalizado em abril ante 18,5% no período imediatamente anterior, resultando em um aumento de 1,0 p.p.. Contudo o CI apresentou uma queda de 1,6 p.p. na base interanual, o coeficiente era 21,0% no mesmo período de 2015.

### Coeficiente de Importação - Mensal (%)



Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

O crescimento do Coeficiente de Importação no trimestre finalizado em abril é explicado pelo aumento de 4,6% das importações (em quantum) associado a uma retração de 0,8% no consumo aparente.

### Variáveis que compõe o Coeficiente de Importação nov-dez-jan/16 x fev-mar-abr/16 (Em %)



Fonte: FUNCEX e IBGE. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Dentre os 21 setores analisados, 10 apresentaram crescimento no Coeficiente de Importação no trimestre terminado em abril ante aos três meses anteriores; o setor de fumo registrou estabilidade; e 10 coeficientes caíram. As maiores expansões ocorreram nos setores de derivados de petróleo (+7,7 p.p.); produtos farmoquímicos e farmacêuticos (+3,1 p.p.); e equipamentos de informática (+2,3 p.p.). Enquanto as contrações mais expressivas ocorreram no setor de vestuário (-2,0 p.p.); máquinas e equipamentos elétricos (-1,9 p.p.); e têxteis (-1,0 p.p.). Os resultados completos podem ser observados na tabela abaixo.

**Coeficiente de Importação Mensal (Em %)**

<b>Coeficiente de Importação</b>	<b>nov-dez- jan/16</b>	<b>fev-mar- abr/16</b>	<b>nov-dez-jan/16 x fev- mar-abr/16 (Em p.p.)</b>
<b>Indústria de Transformação</b>	18,5	19,5	<b>1,0</b>
<b>Derivados do petróleo biocombustíveis e coque</b>	17,2	24,9	<b>7,7</b>
<b>Produtos farmacêuticos farmacêuticos</b>	44,8	47,9	<b>3,1</b>
<b>Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos</b>	44,5	46,8	<b>2,3</b>
<b>Veículos automotores, reboques e carrocerias</b>	21,5	23,6	<b>2,1</b>
<b>Metalurgia</b>	18,4	20,0	<b>1,6</b>
<b>Máquinas e equipamentos</b>	32,4	33,3	<b>0,9</b>
<b>Produtos químicos</b>	29,1	29,8	<b>0,7</b>
<b>Produtos alimentícios</b>	3,8	4,1	<b>0,3</b>
<b>Produtos de borracha e de material plástico</b>	12,3	12,6	<b>0,3</b>
<b>Indústrias diversas</b>	32,9	33,0	<b>0,1</b>
<b>Produtos do fumo</b>	2,0	2,0	<b>0,0</b>
<b>Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos</b>	10,9	10,7	<b>-0,2</b>
<b>Celulose, papel e produtos de papel</b>	6,4	6,1	<b>-0,3</b>
<b>Produtos de madeira</b>	2,0	1,6	<b>-0,4</b>
<b>Móveis</b>	4,7	4,3	<b>-0,4</b>
<b>Produtos de minerais não-metálicos</b>	4,2	3,7	<b>-0,5</b>
<b>Bebidas</b>	5,0	4,4	<b>-0,6</b>
<b>Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados</b>	7,9	7,1	<b>-0,8</b>
<b>Produtos têxteis</b>	18,3	17,3	<b>-1,0</b>
<b>Máquinas, aparelhos e materiais elétricos</b>	26,0	24,1	<b>-1,9</b>
<b>Confecção de artigos do vestuário e acessórios</b>	9,7	7,7	<b>-2,0</b>

Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

Por fim, as principais variáveis do Coeficiente de Importação por setor podem ser observadas na tabela seguir.

**Variáveis que compõe o Coeficiente de Importação: nov-dez-jan/16 x fev-mar-abr/16**

	Consumo Aparente	Importações (quantum)	Coeficiente de Importação (Em p.p.)
<b>Indústria de Transformação</b>	-0,8	4,6	<b>1,0</b>
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	10,2	59,7	<b>7,7</b>
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	8,2	15,7	<b>3,1</b>
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-6,7	-2,0	<b>2,3</b>
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-11,0	-2,2	<b>2,1</b>
Metalurgia	-14,7	-7,5	<b>1,6</b>
Máquinas e equipamentos	-2,5	0,2	<b>0,9</b>
Produtos químicos	1,5	3,8	<b>0,7</b>
Produtos alimentícios	2,8	11,0	<b>0,3</b>
Produtos de borracha e de material plástico	-4,3	-2,6	<b>0,3</b>
Indústrias diversas	0,1	0,4	<b>0,1</b>
Produtos do fumo	-11,6	-8,4	<b>0,0</b>
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-4,2	-5,5	<b>-0,2</b>
Celulose, papel e produtos de papel	-2,6	-6,7	<b>-0,3</b>
Produtos de madeira	8,3	-10,9	<b>-0,4</b>
Móveis	-1,5	-9,1	<b>-0,4</b>
Produtos de minerais não-metálicos	-1,3	-12,6	<b>-0,5</b>
Bebidas	0,3	-13,3	<b>-0,6</b>
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-2,4	-12,5	<b>-0,8</b>
Produtos têxteis	6,0	0,5	<b>-1,0</b>
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,6	-6,8	<b>-1,9</b>
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-6,2	-25,9	<b>-2,0</b>

Fonte: FUNCEX, IBGE e Banco Central. Elaboração: Depecon e Derex - FIESP

### 3. Exportações, Importações e Balança Comercial dos Produtos do SIMEFRE

Os dados a seguir visam a apresentar dados de comércio exterior para os produtos do SIMEFRE. A partir dos NCM's representados pelo sindicato, levantamos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) de exportações, importações e balança comercial. Os NCM's considerados foram os seguintes:

- SIMEFRE – Departamento Ferroviário: 68109900; 73021010; 73021090; 73023000; 73024000; 73029000; 84798999; 84811000; 84812090; 84813000; 84814000; 84818099; 84819090; 84829119; 85013310; 85013411; 85301010; 85301090; 85309000; 86011000; 86012000; 86021000; 86029000; 86031000; 86039000; 86040000; 86050010; 86050090; 86061000; 86063000; 86069100; 86069200; 86069900; 86071110; 86071120; 86071200; 86071911; 86071919; 86071990; 86072100; 86072900; 86073000; 86079100; 86079900; 86080011; 86080012; 86080090; 86090000.
- SIMEFRE – Departamento Rodoviário: 84143091; 84143099; 84152010; 87021000; 87029010; 87041000; 87042390; 87051000; 87053000; 87079010; 87079090; 87086090; 87091900; 87161000; 87162000; 87163100; 87163900; 87164000; 87168000; 87169010; 87169090.
- SIMEFRE – Departamento de Veículos de Duas Rodas: 40114000; 40115000; 40132000; 40139000; 73151100; 87111000; 87112010; 87112020; 87112090; 87113000; 87114000; 87115000; 87119000; 87120010; 87120090; 87141000; 87149100; 87149200; 87149310; 87149320; 87149410; 87149490; 87149500; 87149600; 87149910; 87149990.

#### MÊS DE MAIO

No mês de maio, o saldo da balança comercial do departamento ferroviário foi um déficit em US\$ 35,0 milhões, inferior aos déficits dos meses de maio de 2014 e 2015, quando atingiu US\$ 160,3 milhões e US\$ 156,4 milhões respectivamente.

As exportações do departamento ferroviário atingiram US\$ 103,3 milhões em maio deste ano, 68% maiores que as de maio de 2015 e 56% maiores que as de maio de 2014.

Os principais produtos exportados no mês de maio foram: Torneiras, e dispositivos semelhantes, para canalizações (US\$ 51,9 milhões); Litorinas, mesmo para circulação urbana, exceto as da posição 86.04, de fonte externa de eletricidade (US\$ 15,3 milhões) e Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria (US\$ 9,1 milhões).

As importações do departamento ferroviário, por sua vez, atingiram US\$ 138,3 milhões em maio de 2016, 37% menores que as de maio de 2015 e 39% menores que as de maio de 2014.

Os principais produtos importados no mês foram: Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria (US\$ 36,7 milhões), Trilhos de aço, de peso linear superior ou igual a 44,5 kg/m (US\$ 20,3 milhões) e Partes de torneiras, outros dispositivos para canalizações, etc. (US\$ 13,0 milhões).

Quanto ao departamento rodoviário, a balança comercial apresentou saldo positivo de US\$ 28,7 milhões no mês de maio deste ano, ante superávits de US\$ 10,4 milhões em maio de 2014 e de US\$ 16,4 em maio de 2015.

As exportações do departamento rodoviário atingiram US\$ 46,3 milhões em maio deste ano, 8% maiores que as de maio de 2015 e 30% menores que as de maio de 2014.

Os principais produtos exportados no mês de maio foram: Carrocerias para veículos automóveis com capacidade de transporte => 10 pessoas, ou para carga (US\$ 17,9 milhões), Veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel) (US\$ 17,3 milhões) e Outros reboques e semi-reboques para transporte de mercadorias (US\$ 4,2 milhões).

As importações do departamento rodoviário, por sua vez, atingiram US\$ 17,6 milhões em maio de 2016, 33% menores que as de maio de 2015 e 68% menores que as de maio de 2014.

Os principais produtos importados no mês de maio foram: Compressor para equipamento frigorífico, capacidade <= 16000 frigorias/hora (US\$ 8,6 milhões), Veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel) (US\$ 2,7 milhões) e Aparelhos de ar-condicionado, com capacidade inferior ou igual a 30.000 frigorias/hora, do tipo dos utilizados para o conforto dos passageiros nos veículos automóveis (US\$ 1,4 milhão).

Quanto ao departamento de veículos de duas rodas, o saldo a balança comercial foi um déficit de US\$ 14,7 milhões no mês de maio deste ano, ante déficits de US\$ 54,0 milhões em maio de 2014 e de US\$ 48,9 em maio de 2015.

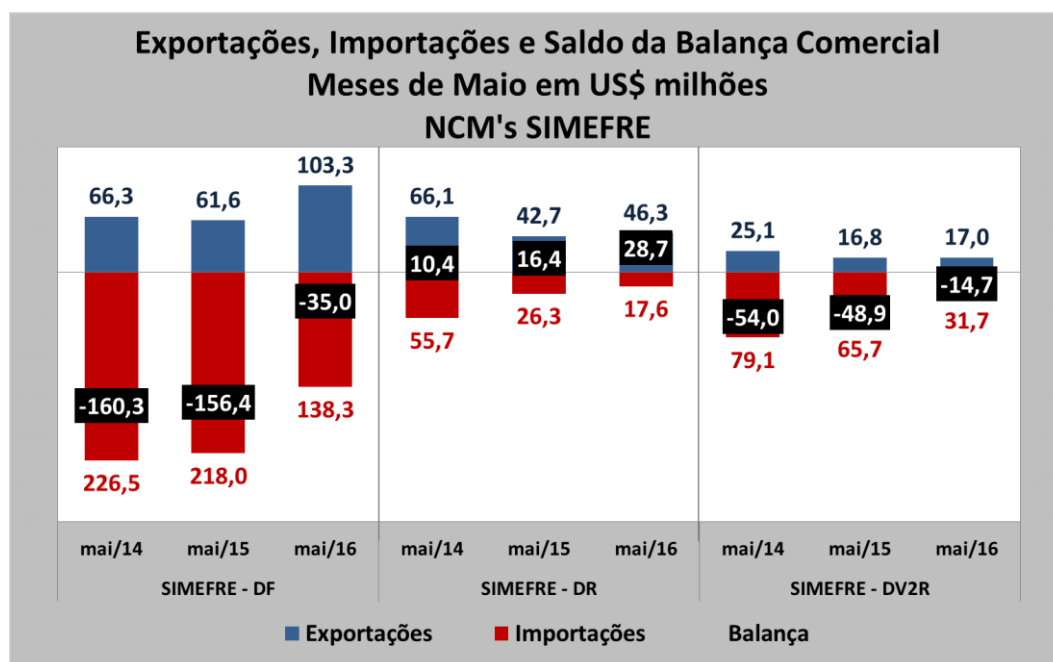


As exportações do departamento de veículos de duas rodas atingiram US\$ 17,0 milhões em maio deste ano, 1% maiores que as de maio de 2015 e 32% menores que as de maio de 2014.

Os principais produtos exportados no mês de maio foram: Pneumáticos novos, de borracha, dos tipos utilizados em motocicletas (US\$ 6,4 milhões), Motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada superior a 125 cm<sup>3</sup> (US\$ 5,5 milhões) e Motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada inferior ou igual a 125 cm<sup>3</sup> (US\$ 3,3 milhões).

As importações do departamento de veículos de duas rodas, por sua vez, atingiram US\$ 31,7 milhões em maio de 2016, 52% menores que as de maio de 2015 e 60% menores que as de maio de 2014.

Os principais produtos importados no mês de maio foram: Partes e acessórios de motocicletas (inclusive ciclomotores) (US\$ 17,9 milhão), Outras partes e acessórios para bicicletas e outros ciclos (US\$ 1,9 milhão) e Quadros, garfos e suas partes, para bicicletas e outros ciclos (US\$ 1,6 milhão).



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

#### ACUMULADO NO ANO

No acumulado de janeiro a maio, o saldo da balança comercial do departamento ferroviário foi um déficit de US\$ 270,1 milhões, inferior aos déficits do mesmo período de 2015 (US\$ 840,0 milhões) e de 2014 (US\$ 850,1 milhões).

As exportações do departamento ferroviário atingiram US\$ 471,0 milhões nos cinco primeiros meses deste ano, 39% maiores que as do mesmo período de 2015 e 36% maiores que as do mesmo período de 2014.

Os principais produtos exportados no acumulado de janeiro a maio deste ano foram: Torneiras, e dispositivos semelhantes, para canalizações (US\$ 264,6 milhões); Litorinas, mesmo para circulação urbana, exceto as da posição 86.04, de fonte externa de eletricidade (US\$ 61,3 milhões) e Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria (US\$ 36,4 milhões).

As importações do departamento ferroviário, por sua vez, atingiram US\$ 741,1 milhões no acumulado do ano de 2016, 37% menores que as do mesmo período de 2015 e 38% menores que as do mesmo período de 2014.

Os principais produtos importados no acumulado de janeiro a maio deste ano foram: Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria (US\$ 198,7 milhões), Litorinas, mesmo para circulação urbana, exceto as da posição 86.04, de fonte externa de eletricidade (US\$ 62,0 milhões) e Partes de torneiras, outros dispositivos para canalizações, etc. (US\$ 60,8 milhões).

Quanto ao departamento rodoviário, a balança comercial apresentou saldo positivo de US\$ 97,9 milhões no acumulado deste ano, ante um superávit de US\$ 40,1 milhões no acumulado no mesmo período de 2015 e um déficit de US\$ 9,7 milhões no acumulado no mesmo período de 2014.

As exportações do departamento rodoviário atingiram US\$ 176,5 milhões no acumulado de janeiro a maio deste ano, 14% menores que as do mesmo período de 2015 e 35% menores que as do mesmo período de 2014.

Os principais produtos exportados no acumulado de janeiro a maio deste ano foram: Carrocerias para veículos automóveis com capacidade de transporte => 10 pessoas, ou para carga (US\$ 73,5 milhões), Veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel) (US\$ 48,3 milhões) e Outros reboques e semi-reboques para transporte de mercadorias (US\$ 22,0 milhões).

As importações do departamento rodoviário, por sua vez, atingiram US\$ 78,6 milhões no acumulado de janeiro maio de 2016, 52% menores que as do mesmo período de 2015 e 72% menores que as do mesmo período de 2014.

Os principais produtos importados no acumulado de janeiro a maio deste ano foram: Compressor para equipamento frigorífico, capacidade <= 16000 frigorias/hora (US\$ 37,6 milhões), Veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel) (US\$ 10,0 milhões) e Outras partes de reboques/semi-reboques/veículos não autopropulsados (US\$ 6,6 milhões).

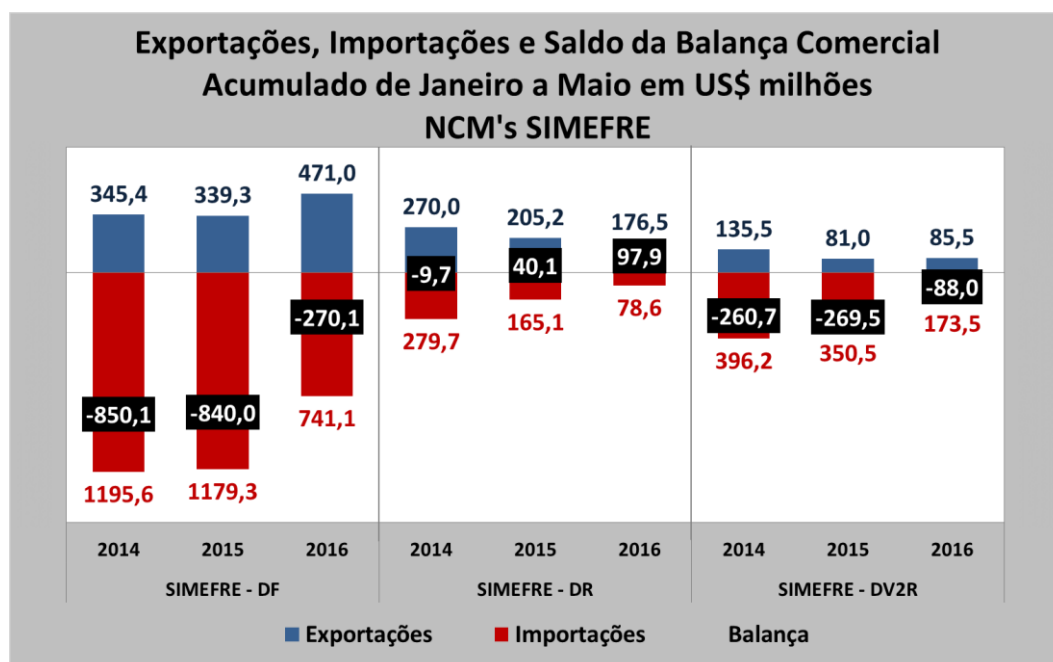
Quanto ao departamento de veículos de duas rodas, o saldo da balança comercial foi um déficit de US\$ 88,0 milhões no acumulado deste ano, ante déficits de US\$ 260,7 milhões e de US\$ 269,5 milhões nos acumulados no mesmo período de 2014 e 2015 respectivamente.

As exportações do departamento de veículos de duas rodas atingiram US\$ 85,5 milhões no acumulado de janeiro a maio deste ano, 6% maiores que as do mesmo período de 2015 e 37% menores que as do mesmo período de 2014.

Os principais produtos exportados no acumulado de janeiro a maio deste ano foram: Pneumáticos novos, de borracha, dos tipos utilizados em motocicletas (US\$ 37,7 milhões), Motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada superior a 125 cm<sup>3</sup> (US\$ 29,7 milhões) e Motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada inferior ou igual a 125 cm<sup>3</sup> (US\$ 9,8 milhões).

As importações do departamento de veículos de duas rodas, por sua vez, atingiram US\$ 173,5 milhões no acumulado de janeiro maio de 2016, 50% menores que as do mesmo período de 2015 e 56% menores que as do mesmo período de 2014.

Os principais produtos importados no acumulado de janeiro a maio deste ano foram: Partes e acessórios de motocicletas (inclusive ciclomotores) (US\$ 95,6 milhões), Outras partes e acessórios para bicicletas e outros ciclos (US\$ 11,1 milhões) e Bicicletas sem motor (US\$ 9,1 milhões).



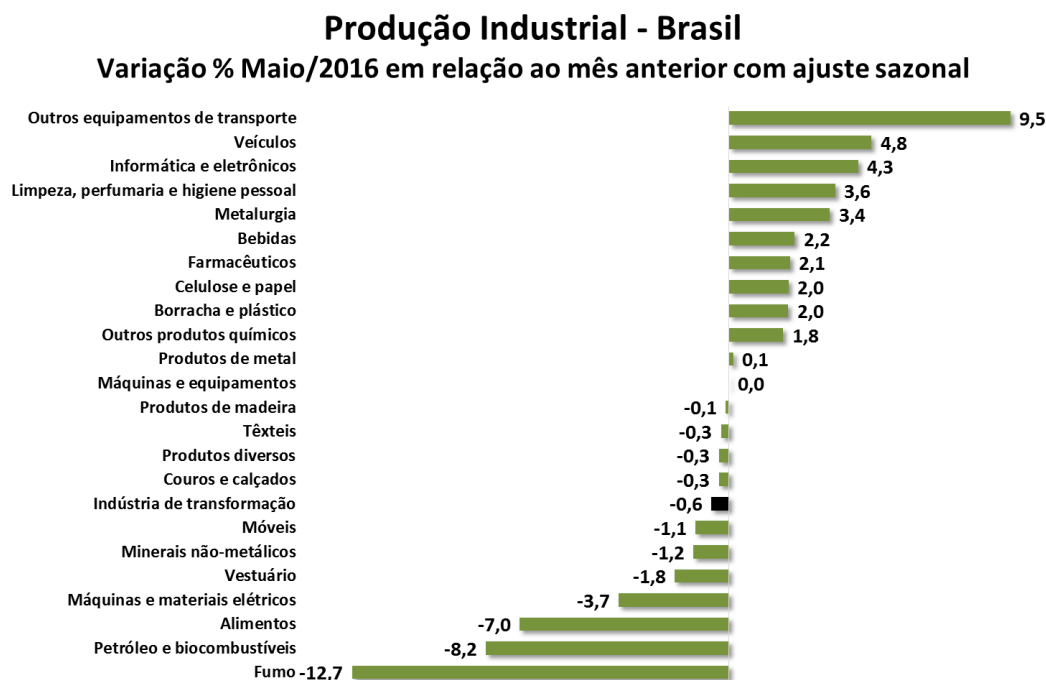
Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

## 4. Produção Industrial Brasileira

### MÊS DE MAIO

A produção industrial brasileira ficou estável em maio em relação a abril na série com ajuste sazonal. A Indústria Extrativa Mineral cresceu de 1,4% no mês, enquanto a Indústria de Transformação apresentou queda de 0,6% em maio.

Entre os setores da Indústria de Transformação, 11 apresentaram queda, 11 apresentaram aumento e um ficou estável no mês de maio em relação ao mês anterior, na série livre de influências sazonais. Os destaques negativos no mês foram: Fumo (-12,7%); Petróleo e biocombustíveis (-8,2%); Alimentos (-7,0%) e Máquinas e materiais elétricos (-3,7%). Por outro lado, Outros equipamentos de transporte (9,5%), Veículos (4,8%), Informática e Eletrônicos (4,3%) e Limpeza, perfumaria e higiene pessoal (3,6%) foram os principais destaques positivos

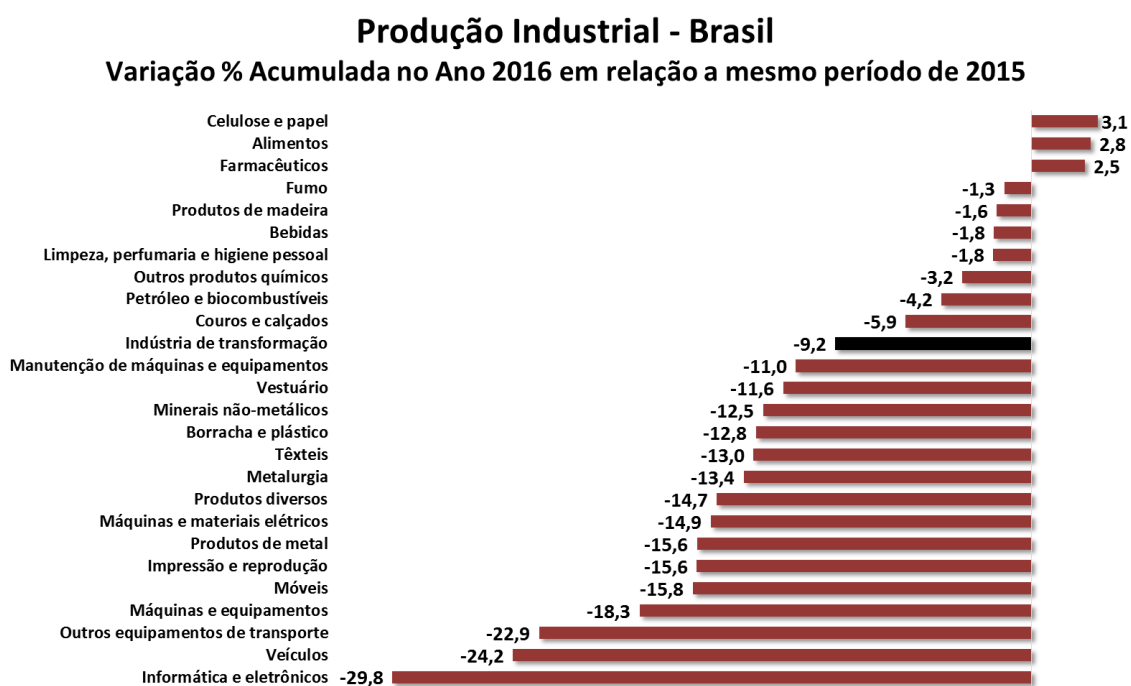


Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

## ANO DE 2016

No acumulado de janeiro a maio deste ano em relação ao mesmo período 2015, a produção industrial apresentou uma queda de 9,8%, com queda de 14,4% na Indústria Extrativa e queda de 9,2% na Indústria de Transformação.

Entre os setores da Indústria de Transformação, três apresentaram aumento e os demais apresentaram queda no acumulado de janeiro a maio de 2016. Os destaques negativos nesta comparação foram: Informática e eletrônicos (-29,8%); Veículos (-24,2%); Outros equipamentos de transporte (-22,9%) e Máquinas e equipamentos (-18,3%).

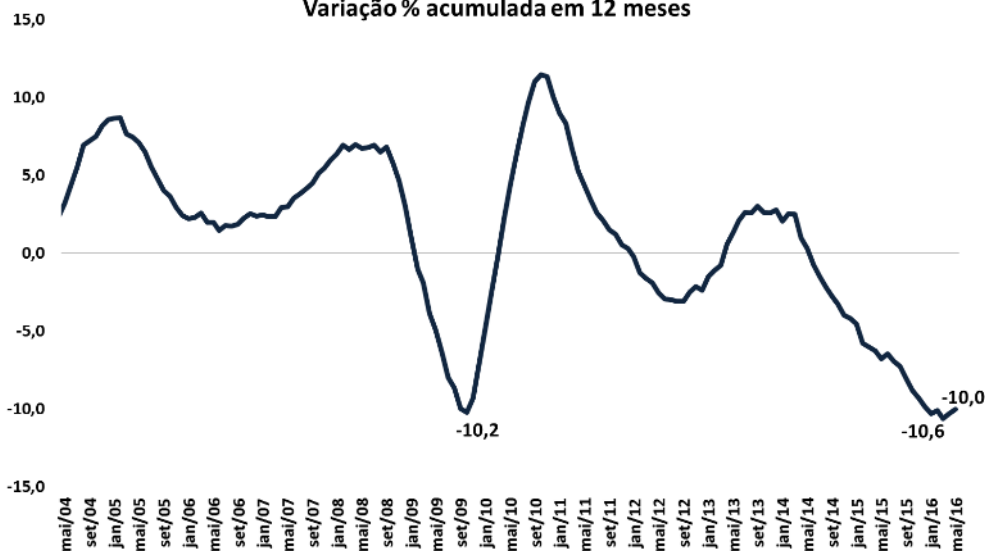


Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

## ACUMULADO EM 12 MESES

No acumulado em doze meses até maio de 2016, a produção industrial brasileira apresentou uma queda 9,5%. O resultado foi influenciado por uma queda de 10,0% na Indústria de Transformação, enquanto a Indústria Extrativa Mineral caiu 6,2% no período.

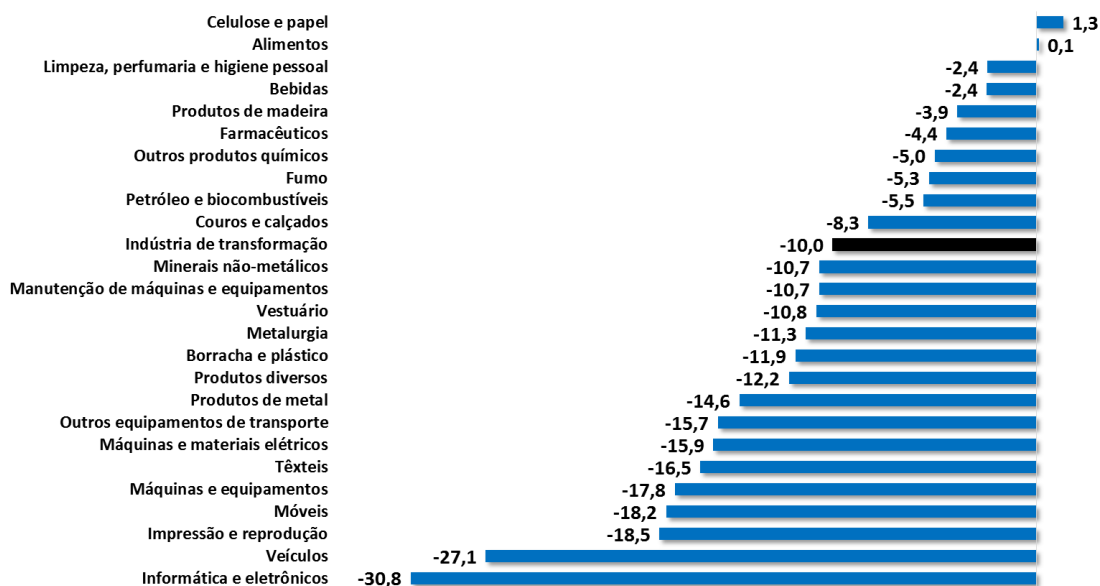
**Produção da Indústria de Transformação - Brasil**  
Variação % acumulada em 12 meses



Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

Ainda no acumulado em 12 meses até maio de 2016, 23 setores da Indústria de Transformação apresentaram queda, enquanto Celulose e papel cresceu 1,3% e Alimentos cresceu 0,1%. Os destaques negativos foram: Informática e eletrônicos (30,8%); Veículos (-27,1%); Impressão e reprodução (-18,5%) e Móveis (-18,2%).

**Produção Industrial - Brasil**  
Variação % Acumulada em 12 Meses até Maio/2016



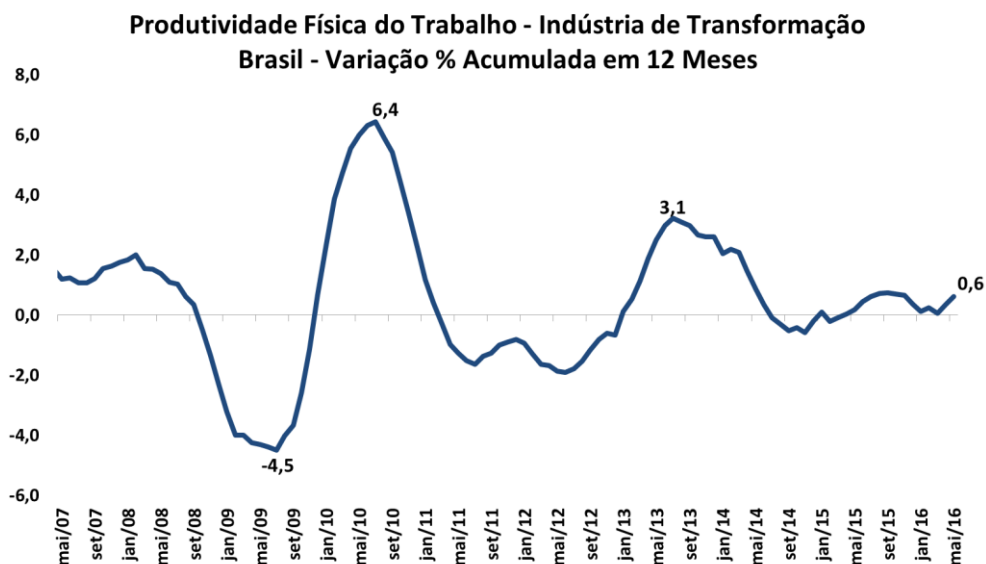
Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

## 5. Produtividade Física do Trabalho na Indústria de Transformação Brasileira<sup>5</sup>

O indicador de produtividade física do trabalho é calculado mensalmente pelo Depecon/Fiesp a partir dos dados de Produção Física do IBGE e de Horas Trabalhadas na Produção da FIESP e da CNI. Ele mede a variação do quanto é produzido com cada hora de trabalho. Isso significa que, quando há aumento do indicador do indicador de produtividade, a indústria está produzindo mais produto com menos horas de trabalho.

A produtividade física do trabalho da Indústria de Transformação apresentou um aumento de 3,1% em maio de 2016, na comparação com abril, livre de influência sazonal. Este resultado decorreu da queda de 0,6% da produção física da Indústria de Transformação e de 3,6% das horas trabalhadas na produção no mês.

Na variação acumulada em 12 meses até maio, a produção industrial apresentou queda de 10,0%, enquanto o número de horas trabalhadas na produção caiu 10,5% nesta comparação, resultando no aumento de 0,6% da produtividade acumulada em 12 meses até maio.

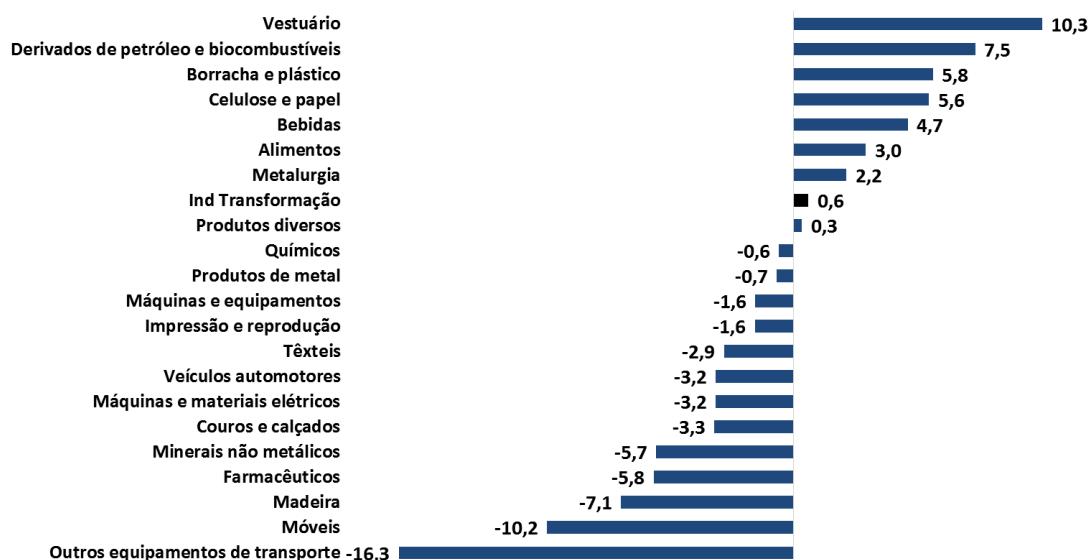


Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

<sup>5</sup> A análise deste indicador com abertura também para o Estado de São Paulo é divulgada mensalmente pelo Depecon e está disponível no site da FIESP: <http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/produtividade-fisica-do-trabalho-na-industria-de-transformacao/>

Quanto aos setores da Indústria de Transformação, no acumulado em 12 meses até maio de 2016, oito setores apresentaram aumento da produtividade e treze tiveram queda.

**Produtividade Física do Trabalho**  
**Brasil - Variação % Acumulada em 12 meses até Maio/2016**

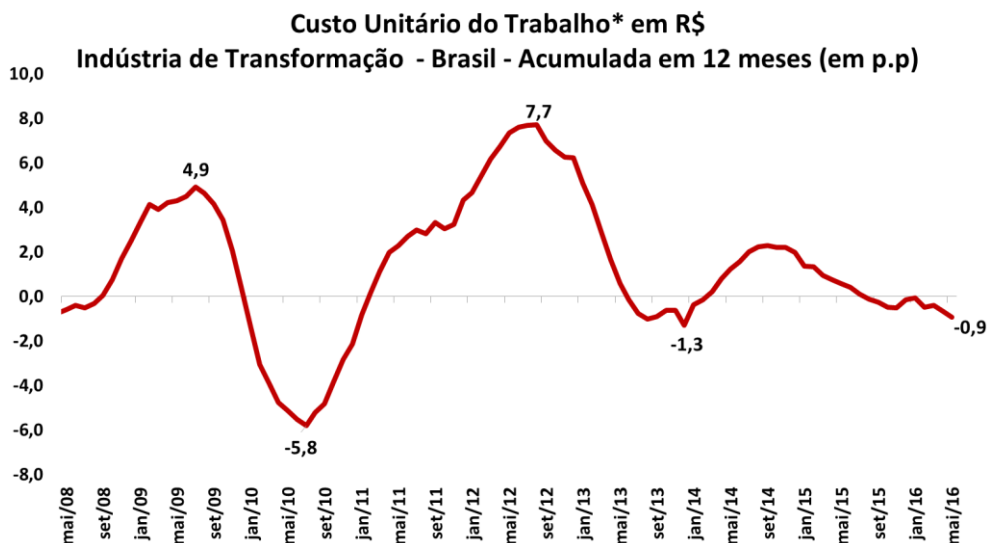


Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

A diferença entre a variação da remuneração mensal real e a variação da produtividade é chamada de Custo Unitário do Trabalho (CUT). Este indicador mede a variação do custo com trabalho em uma unidade de produto. Isso significa que, quando há queda do custo unitário do trabalho, ficou mais barato produzir uma unidade de produto, em termos de trabalho.

No acumulado nos últimos 12 meses, a produtividade física do trabalho da Indústria de Transformação cresceu 0,6% enquanto a remuneração real média em reais apresentou queda de 0,3%. Com isso, o Custo Unitário do Trabalho em reais caiu 0,9 p.p. neste período.

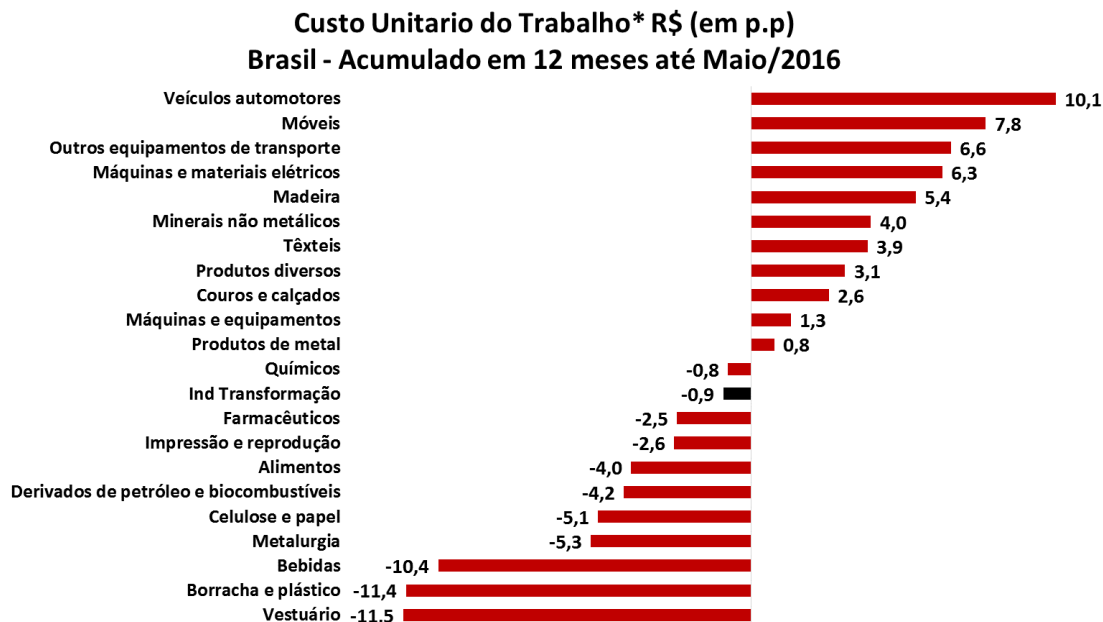




Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

\* Diferencial entre a variação da remuneração real média e a variação da produtividade

Em 10 dos 21 setores da indústria de transformação, o aumento da remuneração real média em reais também foi menor que o aumento da produtividade, resultado em queda do custo unitário do trabalho.



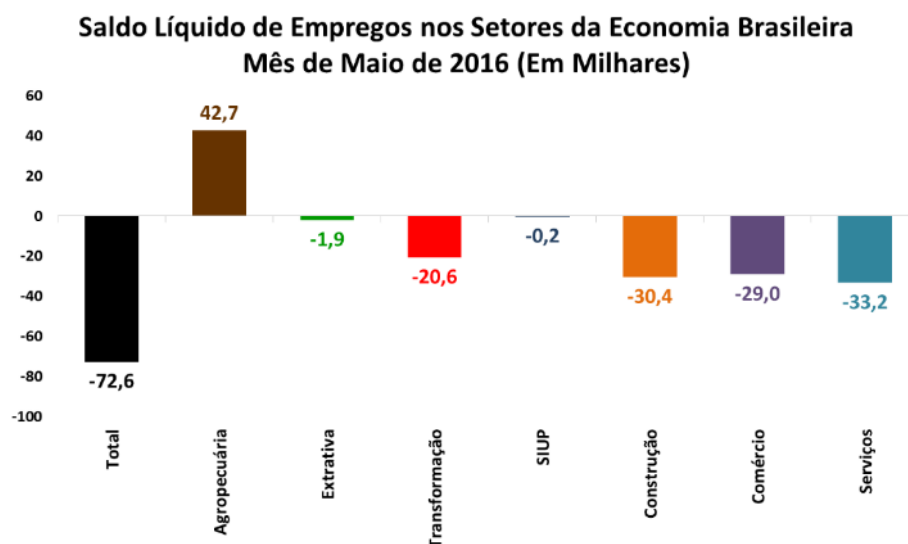
Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

\* Diferencial entre a variação da remuneração real média e a variação da produtividade

## 6. Emprego na Indústria de Transformação Brasileira

### MÊS DE MAIO

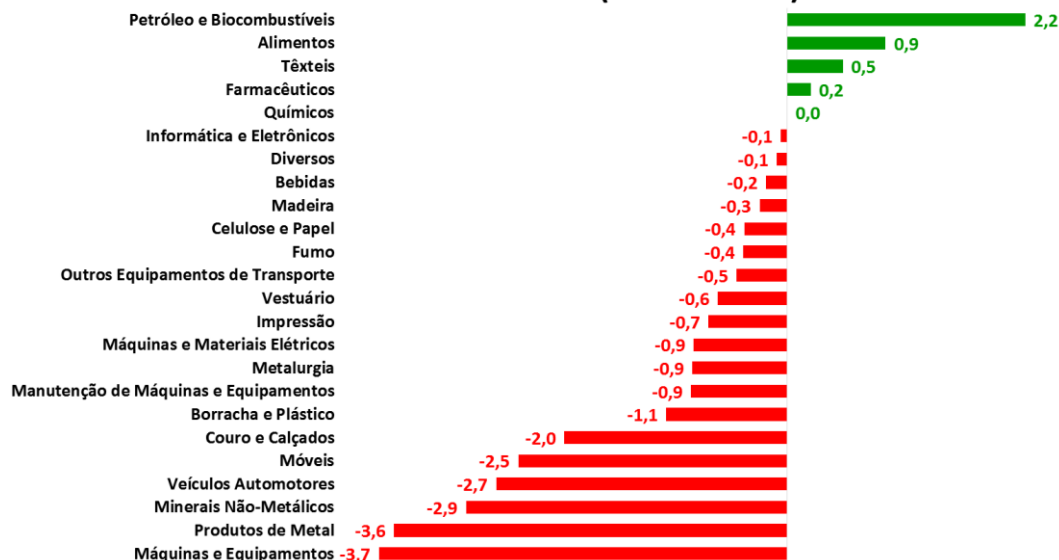
No Brasil, foram fechadas 72,6 mil vagas de empregos formais em maio de 2016 em todos os setores da economia brasileira. A principal influência negativa veio dos serviços, com o fechamento de 33,2 mil vagas no mês. A Indústria de Transformação também permanece em trajetória de queda do nível de emprego, fechando 20,6 mil vagas no mês de maio.



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

Entre os setores industriais, os principais resultados negativos no mês foram de máquinas e equipamentos (-3,7 mil vagas), produtos de metal (-3,6 mil vagas) e minerais não metálicos (-2,9 mil vagas). Por outro lado, os principais resultados positivos no mês foram dos setores de derivados do petróleo e biocombustíveis (+2,2 mil vagas), alimentos (+906 vagas) e têxteis (+516 vagas).

### Saldo Líquido de Empregos Setores da IT Brasileira Mês de Maio de 2016 (Em Milhares)

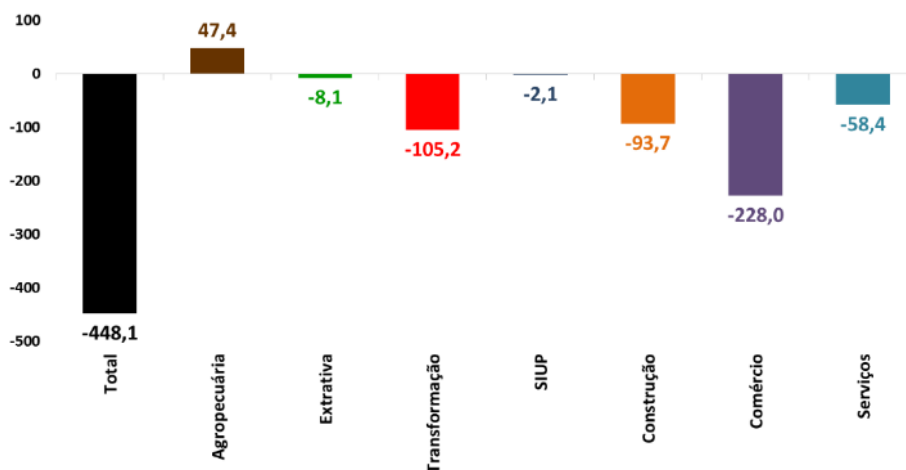


Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

### ACUMULADO NO ANO DE 2016

No acumulado de janeiro a maio de 2016, no Brasil, foram fechadas 448,1 mil vagas de empregos formais em todos os setores da economia brasileira. A principal influência negativa veio do comércio, com o fechamento de 228,0 mil vagas no ano. A Indústria de Transformação também teve resultado negativo no acumulado do ano, com o fechamento 105,2 mil vagas.

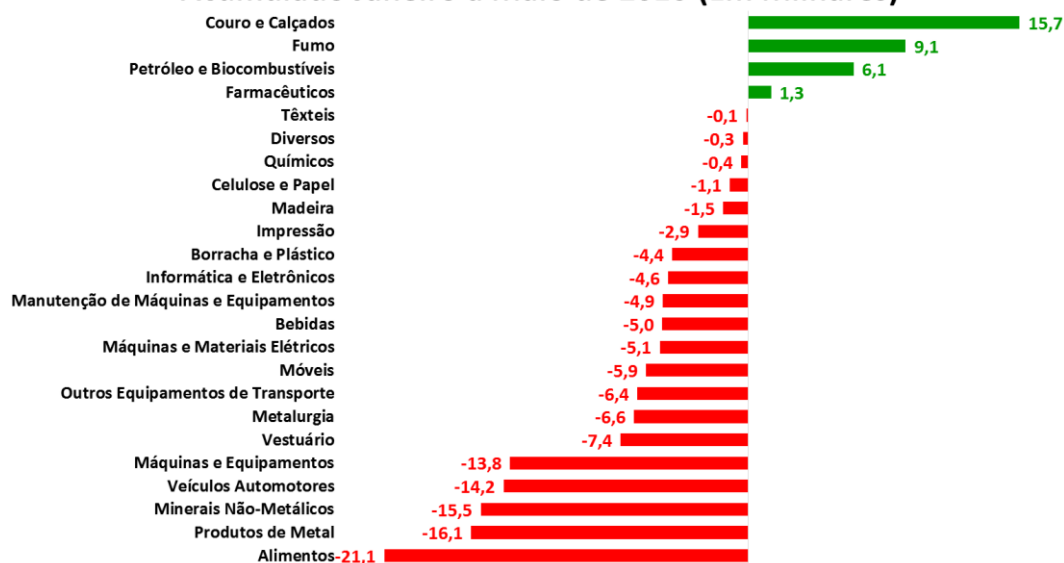
### Saldo Líquido de Empregos nos Setores da Economia Brasileira Acumulado Janeiro a Maio de 2016 (Em Milhares)



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

Entre os setores industriais, os principais resultados negativos no acumulado no ano foram de alimentos (-21,1 mil vagas), produtos de metal (-16,1 mil vagas) e minerais não metálicos (-15,5 mil vagas). Por outro lado, os principais resultados positivos no ano foram dos setores de couro e calçados (+15,7 mil vagas), fumo (+9,1 mil vagas) e derivados do petróleo e biocombustíveis (+6,1 mil vagas).

### Saldo Líquido de Empregos Setores da IT Brasileira Acumulado Janeiro a Maio de 2016 (Em Milhares)

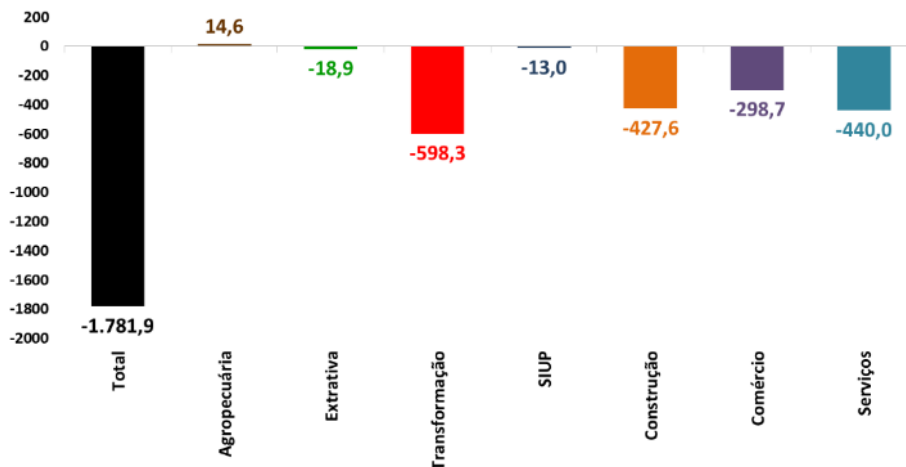


Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

### ACUMULADO EM 12 MESES

No acumulado em 12 meses até maio de 2016, no Brasil, foram fechadas 1,8 milhões vagas de empregos formais em todos os setores da economia brasileira. A principal influência negativa veio da Indústria de Transformação, com o fechamento de 598,3 mil vagas em 12 meses.

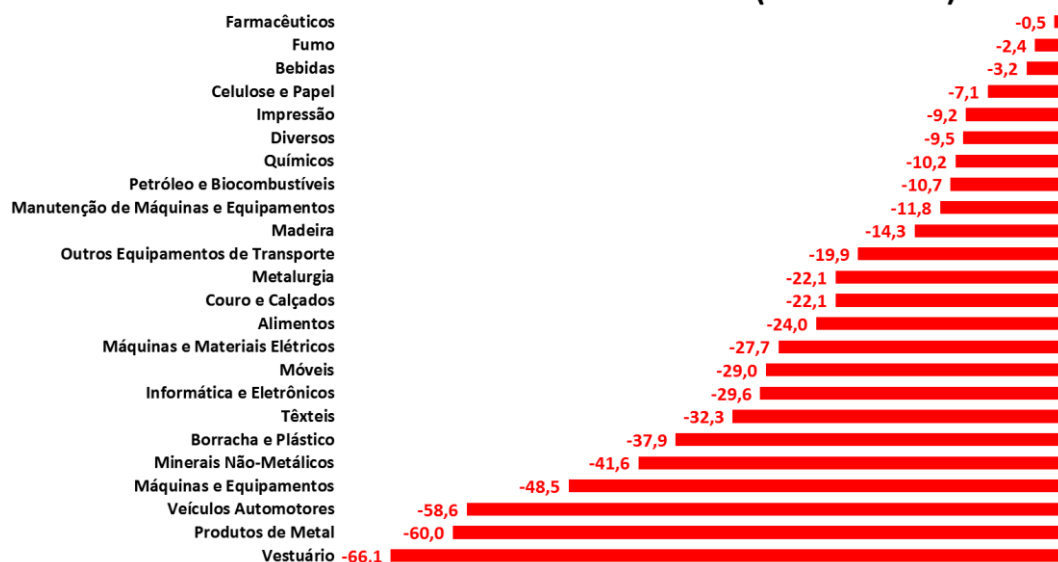
**Saldo Líquido de Empregos nos Setores da Economia Brasileira  
Acumulado em 12 Meses até Maio de 2016 (Em Milhares)**



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

Entre os setores industriais, os principais resultados negativos no acumulado em 12 meses até maio foram de vestuário (-66,1 mil vagas), produtos de metal (-60,0 mil vagas) e veículos automotores (-58,6 mil vagas). Nenhum dos setores industriais teve resultado positivo no período.

**Saldo Líquido de Empregos Setores da IT Brasileira  
Acumulado em 12 Meses até Maio de 2016 (Em Milhares)**



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

## 7. Empregos e Salários nos Setores CNAE do Sindicato

Os dados a seguir visam a apresentar um panorama geral sobre os setores incluídos no sindicato patronal quanto ao emprego e a remuneração média no Estado de São Paulo. A partir da informação dos setores CNAE representados pelo sindicato, levantamos dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) contidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) para os setores contidos no sindicato dentro do Estado de São Paulo.

### SIMEFRE – SINDICATO DA INDÚSTRIA DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS FERROVIÁRIOS E RODOVIÁRIOS

#### 7.1. Setores CNAE no Sindicato

O SIMEFRE inclui os seguintes setores CNAE 2.0:

Departamento Rodoviário (DR):

- 29.10-7: Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários
- 29.20-4: Fabricação de caminhões e ônibus
- 29.30-1: Fabricação de cabines, carrocerias e reboques para veículos automotores

Departamento Ferroviário (DF):

- 30.31-8: Fabricação de locomotivas, vagões e outros materiais rodantes
- 30.32-6: Fabricação de peças e acessórios para veículos ferroviários
- 33.15-5: Manutenção e reparação de veículos ferroviários

Departamento de Veículos de Duas Rodas (DV2R):

- 30.91-1: Fabricação de motocicletas
- 30.92-0: Fabricação de bicicletas e triciclos não-motorizados
- 30.99-7: Fabricação de equipamentos de transporte não especificados anteriormente

## 7.2. Evolução da Ocupação

Segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho para o Estado de São Paulo, em 2015, o emprego formal nos setores do sindicato<sup>6</sup> apresentou uma queda de 10,5% no DR, de 4,6% no DF e de 10,2% no DV2R. Nos Departamentos Rodoviário e de Veículos de Duas Rodas, este já é o segundo ano consecutivo de queda.

Empregados Formais no Estado de São Paulo						
	Setores SIMEFRE - DR		Setores SIMEFRE - DF		Setores SIMEFRE - DV2R	
	Nº de empregados	Variação % em relação ao ano anterior	Nº de empregados	Variação % em relação ao ano anterior	Nº de empregados	Variação % em relação ao ano anterior
<b>2006</b>	67.761	-	3.083	-	7.521	-
<b>2007</b>	72.872	7,5%	3.034	-1,6%	7.778	3,4%
<b>2008</b>	78.622	7,9%	2.741	-9,7%	7.739	-0,5%
<b>2009</b>	75.781	-3,6%	4.781	74,4%	7.597	-1,8%
<b>2010</b>	83.089	9,6%	6.106	27,7%	7.577	-0,3%
<b>2011</b>	86.944	4,6%	6.426	5,2%	6.748	-10,9%
<b>2012</b>	77.282	-11,1%	5.459	-15,0%	6.703	-0,7%
<b>2013</b>	89.900	16,3%	5.660	3,7%	7.083	5,7%
<b>2014</b>	83.595	-7,0%	6.054	7,0%	6.218	-12,2%
<b>2015*</b>	74.777	-10,5%	5.777	-4,6%	5.581	-10,2%

Fonte: RAIS / MTE \* Valores estimados pelo CAGED / MTE

No acumulado de janeiro a maio de 2016, os setores do DR já acumularam uma queda de 3,5% (fechamento de 2.613 vagas), do DF, uma queda de 6,2% (fechamento de 356 vagas) e do DV2R, uma queda de 0,9% (fechamento de 50 vagas).

Para o Departamento Ferroviário, este é o pior resultado da série para este período desde 2011, enquanto para o Departamento Rodoviário, este é o pior resultado desde 2009 para este período. Para o Departamento de Veículos de Duas Rodas, no entanto, o fechamento de vagas do acumulado nos cinco primeiros meses deste ano foi menor do que neste mesmo período de 2014 e de 2015.

<sup>6</sup> Os dados levam em conta os setores CNAE 2.0 do sindicato no Estado de São Paulo, não representando necessariamente as empresas associadas ao sindicato.

Saldo de Empregos Formais Acumulado no Ano (Janeiro a Maio)						
	Setores SIMEFRE - DR		Setores SIMEFRE - DF		Setores SIMEFRE - DV2R	
	Saldo Acumulado	Variação %	Saldo Acumulado	Variação %	Saldo Acumulado	Variação %
<b>2007</b>	962	1,4%	296	9,6%	196	2,6%
<b>2008</b>	3.549	4,9%	339	11,2%	284	3,7%
<b>2009</b>	-4.560	-5,8%	108	3,9%	-268	-3,5%
<b>2010</b>	2.534	3,3%	1.316	27,5%	300	3,9%
<b>2011</b>	3.901	4,7%	-408	-6,7%	-241	-3,2%
<b>2012</b>	712	0,8%	-161	-2,5%	-79	-1,2%
<b>2013</b>	1.418	1,8%	58	1,1%	134	2,0%
<b>2014</b>	-2.759	-3,1%	347	6,1%	-134	-1,9%
<b>2015</b>	-5.079	-6,1%	34	0,6%	-264	-4,2%
<b>2016</b>	-2.613	-3,5%	-356	-6,2%	-50	-0,9%

Fonte: CAGED/MTE (série ajustada - incorpora as informações entregues fora prazo)

### 7.3. Evolução Real dos Salários

Entre 2006 e 2015, a remuneração mensal média dos setores do DR no estado acumulou uma queda real de 5,9%, deflacionado pelo INPC. Nos setores do DV2R, a queda foi ainda maior, de 25,4%. Já no DF, houve um aumento real de 33,4% na remuneração mensal média dos setores no estado de São Paulo.

Remuneração Mensal Média em R\$ de 2015*									
	Setores SIMEFRE - DR			Setores SIMEFRE - DF			Setores SIMEFRE - DV2R		
	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015
<b>2006</b>	6.650	-	-	4.206	-	-	3.712	-	-
<b>2007</b>	6.849	3,0%	-	3.268	-22,3%	-	3.750	1,0%	-
<b>2008</b>	6.694	-2,3%	-	3.726	14,0%	-	3.763	0,3%	-
<b>2009</b>	7.255	8,4%	-	4.307	15,6%	-	3.632	-3,5%	-
<b>2010</b>	7.181	-1,0%	-	4.406	2,3%	-	3.274	-9,9%	-
<b>2011</b>	7.028	-2,1%	-	4.807	9,1%	-	2.731	-16,6%	-
<b>2012</b>	6.734	-4,2%	-	5.195	8,1%	-	2.822	3,3%	-
<b>2013</b>	6.566	-2,5%	-	5.409	4,1%	-	2.841	0,7%	-
<b>2014</b>	6.337	-3,5%	-	5.682	5,1%	-	2.803	-1,3%	-
<b>2015**</b>	6.258	-1,3%	-5,9%	5.611	-1,3%	33,4%	2.768	-1,3%	-25,4%

Fonte: RAIS/MTE e IBGE

\* Valores deflacionados pelo INPC do IBGE

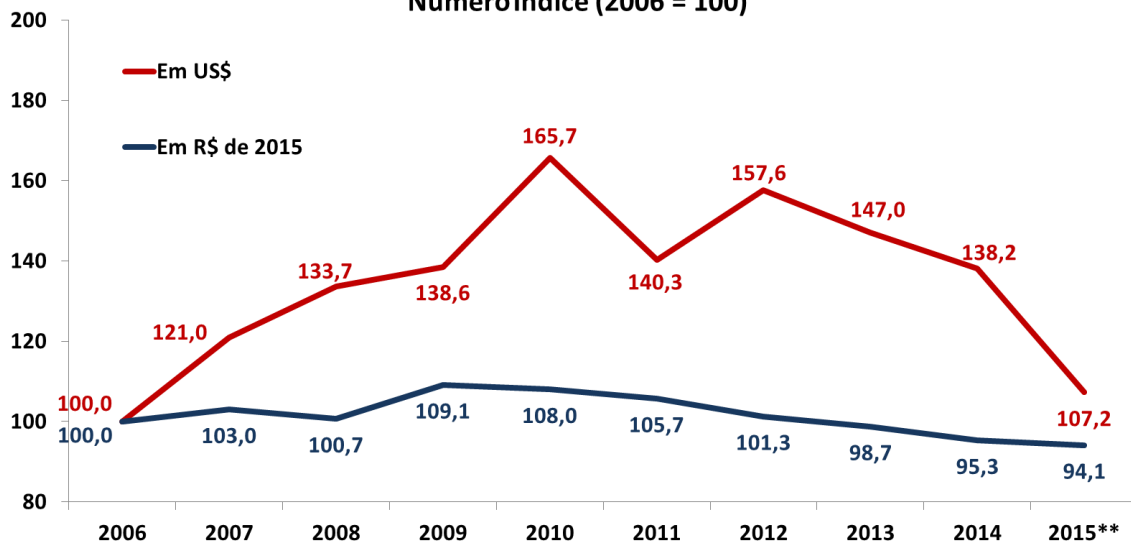
\*\* Valor de 2015 estimado a partir do acordo coletivo. Pelo acordo coletivo, o aumento salarial em 2015 foi de 9,88%.



## Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015\*

### Setores SIMEFRE - DR - São Paulo

Número Índice (2006 = 100)

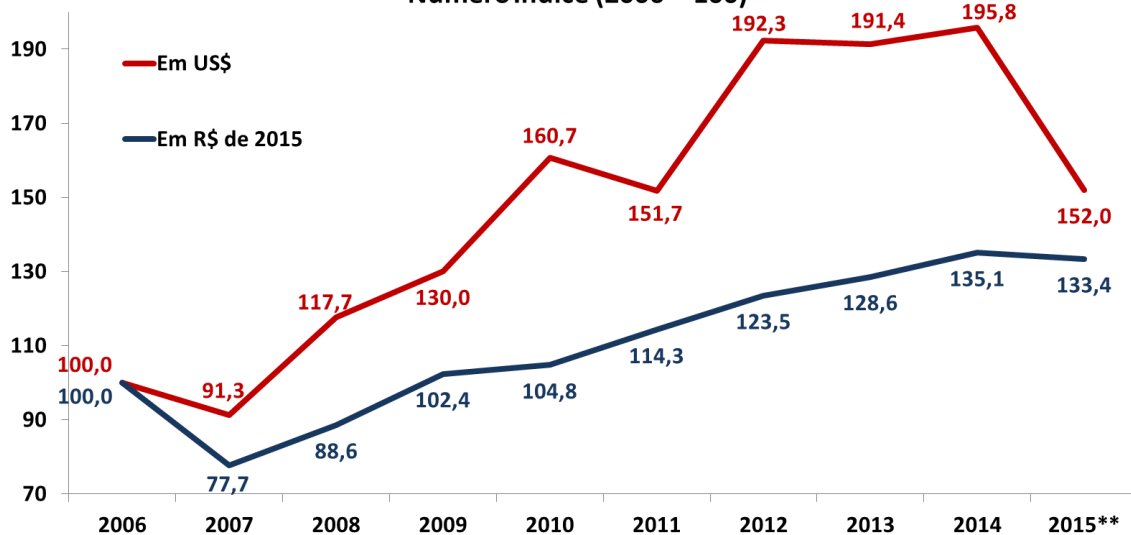


Fonte: RAIS/MTE, IBGE e BACEN \*Valores deflacionados pelo INPC \*\* Valor de 2015 estimado a partir do acordo coletivo.

## Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015\*

### Setores SIMEFRE - DF - São Paulo

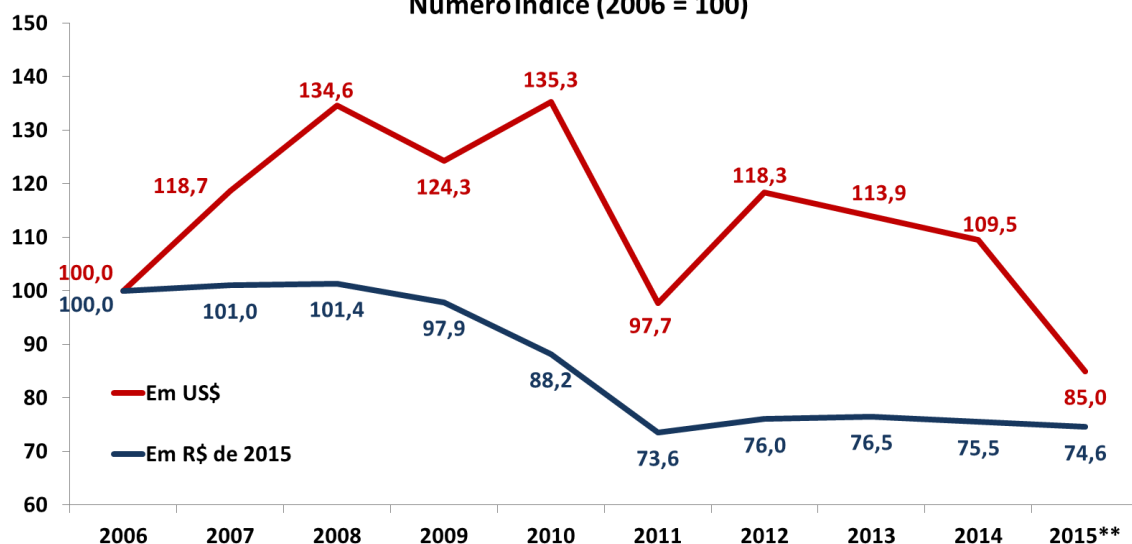
Número Índice (2006 = 100)



Fonte: RAIS/MTE, IBGE e BACEN \*Valores deflacionados pelo INPC \*\* Valor de 2015 estimado a partir do acordo coletivo.

**Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015\*****Setores SIMEFRE - DV2R - São Paulo**

Número Índice (2006 = 100)



Fonte: RAIS/MTE, IBGE e BACEN \*Valores deflacionados pelo INPC \*\* Valor de 2015 estimado a partir do acordo coletivo.